

**JOÃO CARLOS WORMSBECHER RIBEIRO**

**ESTUDO COMPARATIVO DA ESTRUTURA SILÁBICA EM  
ESPAÑHOL E PORTUGUÊS**

**Dissertação apresentada como requisito  
parcial à obtenção do grau de Mestre.  
Curso de Pós-Graduação em Linguística.  
Universidade Federal de Santa Catarina.  
Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luizete Guimarães  
Barros.**

**FLORIANÓPOLIS**

**2003**

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	
<b>RESUMO.....</b>	
<b>ABSTRACT.....</b>	
<b>RESUMEN.....</b>	
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>2</b>
<b>1. OBJETO, MÉTODO: CONSIDERAÇÕES GERAIS.....</b>	<b>4</b>
1.1. Escolha do tema.....	4
1.2. Objetivos Gerais.....	5
1.3. Objetivos específicos.....	5
1.4. Justificativa.....	6
1.5. Fundamentação teórica.....	10
<b>2. FONÉTICA.....</b>	<b>13</b>
2.1. Introdução.....	13
2.2. Fonética.....	14
2.2.1. Critério para a descrição dos sons.....	16
2.2.1.1. Símbolos utilizados nas transcrições.....	16
2.2.1.2. Quadro dos fones consonantais do português.....	18

2.2.1.3. Quadro dos fones vocálicos orais do português.....	18
2.2.1.4. Quadro dos fones vocálicos nasais do português.....	18
2.2.2.1. Quadro dos fones consonantais do espanhol.....	19
2.2.2.2. Quadro dos fones vocálicos do espanhol.....	19
<b>3. FONOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
3.1. Introdução.....	20
3.2. Fonemas: considerações:.....	21
3.2.1. Quadro dos fonemas consonantais do português.....	24
3.2.2. Quadro dos fonemas consonantais do espanhol.....	24
<b>3.3. FONOLOGIA DO PORTUGUÊS.....</b>	<b>25</b>
3.3.1. Consoantes do português.....	25
3.3.2. Consoantes em posição pós-vocálica.....	26
3.3.3. Consoantes em posição inicial de palavra.....	28
3.3.4. Consoantes em posição pós-vocálica.....	29
3.4. Vogais do português.....	32
3.5. Ditongos.....	45
<b>3.6. FONOLOGIA DO ESPANHOL.....</b>	<b>50</b>
3.6.1. Consoantes do espanhol.....	50
3.6.1.1. Consoante intervocálica e inicial.....	51
3.6.1.2. Consoante oclusiva sonora.....	52
3.6.1.3. Consoante pós-vocálica.....	54

3.6.1.4. Variação dialetal.....	55
3.7. Vogais do espanhol.....	57
3.8 Ditongos.....	61
<b>4.0 COMPARAÇÃO FONOLÓGICA ESPANHOL</b>	
<b>PORTUGUÊS.....</b>	<b>64</b>
4.1. Comparação do sistema consonantal em espanhol e português.....	64
4.2. Comparação entre o sistema vocálico em espanhol e português.....	67
<b>5. SÍLABA.....</b>	<b>70</b>
5.1. Introdução.....	70
5.2. Estrutura silábica.....	75
<b>5.3. SÍLABA EM PORTUGUÊS.....</b>	<b>76</b>
<b>5.4. SÍLABA EM ESPANHOL.....</b>	<b>92</b>
<b>6. COMPARAÇÃO ENTRE AS SÍLABAS DO PORTUGUÊS E DO</b>	
<b>ESPANHOL.....</b>	<b>104</b>
6.1. Comparação das estruturas silábicas.....	104
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>112</b>

## INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho nasce da crescente demanda que tem havido no Brasil pelo ensino do espanhol. Razões culturais, geográficas, políticas e sociais fazem com que o castelhano venha ganhando terreno no cenário nacional e internacional. Por essa razão, organismos culturais e consulares, como a Embaixada da Espanha, têm trabalhado esforços para implementar esta língua no universo educacional no sentido de solidificar os estudos hispânicos no Brasil. Como essa atitude é recente – data dos anos 80, aproximadamente – os trabalhos de interpretação lingüística que confrontam os dois idiomas – espanhol e português – passam a ganhar difusão no panorama universitário brasileiro. Obras criadas sob esta perspectiva – como as obras de Masip (1998) e Hora (2000) – servem também de fundamentação teórica para esta pesquisa que se apresenta da seguinte forma:

No capítulo primeiro, explicamos os motivos que justificam a eleição do tema, os objetivos e a metodologia empregada. O capítulo dois apresenta alguns conceitos de fonética e apresenta o quadro de fones do português e do espanhol. O terceiro capítulo apresenta o conceito de fonologia

utilizados pelos autores escolhidos para guiar esta análise e expõe o quadro fonológico das duas línguas, numa explicação do sistema consonantal e vocálico que interessa a nossa pesquisa. O quarto capítulo faz uma comparação dos dois sistemas: consonantal e vocálico. O quinto capítulo trata da sílaba, expondo os tipos silábicos, e tece também considerações sobre opiniões diferentes da por nós apontada. O último capítulo resume as considerações anteriores, no sentido de apresentar as comparações da estrutura silábica nos dois idiomas. Uma bibliografia final traz as obras que servem de suporte teórico às observações deste trabalho que se apresenta como uma tentativa inicial de discussão de um dos fenômenos da fonologia das duas línguas: a sílaba.

# **CAPÍTULO I**

## **OBJETO, MÉTODO: CONSIDERAÇÕES GERAIS.**

O objetivo deste capítulo é discorrer sobre o assunto a ser pesquisado, apontando as razões da escolha, o objetivo da pesquisa, o método utilizado, e as bases teóricas para o mesmo.

### **1.1. Escolha do tema**

O presente trabalho se propõe a analisar e a comparar as estruturas silábicas do português e do espanhol. Para o português será feito o levantamento fonético e fonológico, descrevendo a estrutura silábica baseando-se principalmente nas obras de Mattoso Câmara Jr. (1970,1971,1977,1980 e 1985). Para o espanhol tomamos como fonte de pesquisa Quilis (1966), Alarcos Llorach (1968, 1994), Quilis & Fernández (1975). Embora os estudos dos referidos autores sejam essenciais ao desenvolvimento desta pesquisa, estas não são as únicas fontes de leitura.(cf. referências bibliográficas).

## **1.2. Objetivo geral**

O objetivo principal deste trabalho é estabelecer quais são os padrões silábicos do português e do espanhol, estabelecendo comparações entre as duas línguas.

## **1.3. Objetivos específicos**

Identificar semelhanças e diferenças fonéticas e fonológicas entre português e espanhol;

Verificar regras que determinam o padrão silábico do português e do espanhol

Comparar as estruturas silábicas nos dois idiomas, identificando semelhanças e diferenças.



## 1.4. Justificativa

Os estudos comparativos entre espanhol e português nas áreas de fonética e fonologia estão em etapa inicial no Brasil, e nosso projeto se dispõe a colaborar neste assunto no que se refere à sílaba.

Há muito a ser pesquisado para se alcançar qualidade e eficiência no aprendizado de uma língua estrangeira. Por isso achamos relevante o estudo a que nos propomos porque significa um passo de entrada ao estudo fonológico nas duas línguas.

Certos estudos em análise contrastiva se caracterizam por comparar o sistema lingüístico da língua materna (LM) com o da língua estrangeira (LE), no intuito de monitorar o professor de língua estrangeira na sua atividade diária. Através da análise contrastiva é possível prever não somente as prováveis dificuldades dos brasileiros ao aprender espanhol, mas também dos falantes do espanhol ao aprender português.

É necessário refletir sobre a língua materna do aprendiz e sobre o idioma que se quer aprender, no sentido de identificar diferenças e pontos de contato entre ambas, para tornar o aprendizado eficiente e levar o aprendiz a desenvolver sua expressão em língua estrangeira.

De acordo com Lado (1972:28), embora o processo de comparação dos dois sistemas sonoros seja algumas vezes tedioso, árido, difícil e

abstrato, os resultados obtidos são de grande utilidade prática na preparação de livros textos, testes e exercícios; na suplementação dos materiais existentes, na avaliação de métodos e no diagnóstico das dificuldades do estudante em relação ao novo sistema lingüístico a ser estudado.

É objetivo deste trabalho apontar os elementos semelhantes entre os dois sistemas e aqueles que causam problemas de aprendizagem por não encontrarem correspondência na língua estrangeira em questão.

Esta pesquisa se propõe a estudar e comparar a estrutura da sílaba do espanhol e do português em análise teórica que não se baseia em dados obtidos em sala de aula. A justificativa deste estudo se fundamenta nas idéias de diferentes foneticistas e fonólogos que resumimos aqui pelas palavras de Lado (1972:27):

*“o falante de uma língua, escutando outra não ouve , na realidade, as unidades fônicas da língua estrangeira – os fonemas. Escuta as de sua própria língua. As diferenças fonêmicas da língua estrangeira passarão sistematicamente despercebidas por ele se não houver nenhuma diferença fonêmica similar em sua língua materna”.*

No aprendizado do espanhol como língua estrangeira, o aprendiz está com os processos fonológicos do português ativados e por isso não

consegue distinguir certas diferenças fônicas da outra língua. Lado (1972:14) acrescenta:

*“os indivíduos tendem a transferir as formas e os sentidos e a distribuição das formas e dos sentidos da sua língua e cultura nativa para a língua e a cultura estrangeiras – tanto produtivamente, ao tentar falar a língua e agir dentro da cultura, como receptivamente, ao tentar apreender e entender a língua e a cultura como efetivadas pelos nativos.”*

O idioma materno funciona como um filtro pelo qual o indivíduo compreenderá todos os outros sistemas fonológicos das línguas que venha a aprender na vida. O aluno muitas vezes não percebe certas diferenças fonéticas, nem as distingue sem a ajuda do professor: essa razão explica nosso tema.

Para os falantes nativos do espanhol há uma dificuldade na variada gama dos timbres vocálicos do português, em contraste com a consistência e reduzida variedade do sistema vocálico espanhol. A nasalidade vocálica é outra característica do português que merece consideração já que se mostra como um desafio para o falante de espanhol ao iniciar-se no português.

Diante dessa observação sobre o sistema vocálico do português e espanhol, Mattoso Câmara (1971:20) acrescenta que os falantes do português, sejam brasileiros ou portugueses, conseguem compreender

razoavelmente bem o espanhol falado porque o sistema vocálico espanhol é menos variado e menos numeroso que o português.

A particularidade de alguns sons consonantais característicos do sistema fonético espanhol é outro dos assuntos que nos compete.

O motivo que justifica este tema é teórico, já que implica investigar um ponto fonológico: a sílaba. Tal assunto interfere na aquisição e aprendizagem da língua estrangeira, por essa razão este estudo é de utilidade prática no ensino de línguas.

Como português e espanhol são línguas próximas e que têm a mesma origem latina, há processos que aproximam as duas línguas. A vizinhança idiomática possibilita o estabelecimento de semelhanças entre as duas línguas do ponto de vista da formação silábica.

Sabe-se que a estrutura CV, onde C é a consoante e V é a vogal, é universal; e, segundo Scliar Cabral (1974: 80), é a primeira que a criança incorpora fonologicamente. Neste processo de aprendizagem, Schane (1975:25-38) mostra que segmentos sonoros como as vogais /i/, /a/, /u/, unidos às consoantes /p/, /t/, /k/ estruturam as sílabas como “papa”, “pipi”, “kuku”, “tata”, que aparecem primeiro na fala das crianças.

Scliar Cabral (1974:57) acrescenta:

*“A sílaba é a primeira estrutura que aparece na incorporação da língua e a que apresenta maior resistência a se desvanecer na perda articulatória gradativa do afásico.”*

De acordo com Vandresen (1988: 84), ainda que as línguas tivessem os mesmos fonemas e alofones, ainda assim teríamos problemas na aprendizagem, devido à distribuição particular desses fonemas na estrutura silábica das línguas em questão.

Como a formação silábica é um dos processos iniciais na aquisição de uma língua, este estudo visa colaborar no ensino de língua espanhola como língua estrangeira a falantes de português.

## **1.5. Fundamentação Teórica**

Esta pesquisa se baseia em Mattoso Câmara Jr. (1970,1971e 1977), que propõe o seguinte para a estruturação silábica do português:

*“Assim a enunciação da sílaba, quando ela é completa, consta de um aclave, um ápice e um declive. Ao ápice corresponde, em regra, a emissão de uma vogal. É ele o momento essencial da sílaba e o fonema que o realiza vem a ser o “silábico”.*

*Os outros fonemas, “assilábicos”, no acento ou no declive da sílaba, podem faltar.” Mattoso Câmara Jr. (1971: 26.)*

Para o espanhol serão adotadas as teorias de Alarcos Llorach (1968 - 1994), Quilis & Fernández (1975).

*“En la formación de toda sílaba intervienen tres fases:*

- 1) Una fase inicial que también es conocida con el nombre de explosión.*
- 2) Una fase culminante o central, llamada núcleo silábico.*
- 3) Una fase final que es la implosión.” Quilis & Fernández (1975:135).*

O espanhol tem uma estrutura silábica complexa, com no máximo duas consoantes antes ou depois do núcleo. A estrutura silábica do português é semelhante à do castelhano, com algumas variações que estudaremos a seguir.

Como o objeto de estudo é a estrutura silábica, pretende-se verificar como os fonemas do espanhol e do português se ordenam de modo a constituir a sílaba e quais as regras adotadas para estruturá-la.

Como nosso objetivo é fornecer alguma contribuição à área de ensino de espanhol como língua estrangeira, antes de realizar a comparação é preciso que os sistemas lingüísticos sejam descritos.

De acordo com Crystal (1988: 238 ):

*“As teorias fonológicas focalizam a maneira como os sons se combinam em cada língua para produzir seqüências típicas. A maneira como funcionam os segmentos de sons de uma língua é objeto de estudo da fonologia.”*

Neste trabalho, será feito um levantamento dos fonemas vocálicos e consonantais em português e espanhol, assim como a distribuição destes elementos na formação da sílaba, em análise estruturalista que segue conhecidos foneticistas e lingüistas do espanhol e do português, tais como: Quilis e Mattoso Câmara Jr.

Tais autores escolhem uma variante da língua que analisam, e se restringem a ela: o português e o espanhol padrão, segundo sua visão e sua época. Por esta razão, o presente trabalho não se detém em diferenças regionais, contemplando apenas os aspectos reconhecidos neste tipo de abordagem.

## CAPÍTULO II - FONÉTICA

### 2.1. Introdução

A fala é um processo dinâmico que ocorre em cadeia. Os falantes produzem automaticamente os movimentos articulatórios, rápidos, pequenos e contínuos.

No aprendizado de uma segunda língua o falante tem internalizado o sistema complexo de sons de sua língua materna, e ao estudar outra língua se depara com um novo sistema. Por essa razão, produz habitualmente os sons dessa nova língua influenciado pela pronúncia de sua própria.

Ao pronunciar os sons na língua estrangeira, o trato vocal passa por transformação na articulação dos sons, já que o falante deve se adaptar ao novo código, amoldando o aparelho fonador de modo a atingir emissão razoável.

O falante nativo do português, por exemplo, não consegue pronunciar claramente alguns sons do espanhol, [R], [è], embora aparentemente não tenha nenhum problema articulatório, e também não consegue distinguir facilmente certos sons que não sejam os de sua língua nativa – português – embora aparentemente não tenha nenhum problema auditivo. Essas dificuldades pelas quais passam os aprendizes de uma



segunda língua são as que devem ser observadas primeiramente, porque o falante não nativo se mostra incapaz de reconhecer peculiaridades que permitem distinguir formas da língua e compreender corretamente o significado do que ouve. O falante nativo, em compensação, reporta intuitivamente os segmentos sonoros que fazem parte do inventário de sua língua materna. A transposição de conclusões fonológicas da língua materna à língua estrangeira ocorre habitualmente, por essa razão é necessário delimitar o campo de cada idioma. Recorremos, então, às disciplinas de fonética e fonologia no sentido de estabelecer os fonemas e alofones em espanhol e português.

## **2.2. Fonética**

Segundo Weiss (1988:3), fonética estuda os sons da fala humana em sua realização, sem se preocupar com sua função ou seu significado.

Outra definição de fonética, oferecida por Allarcos Llorach (1968:28) é a que segue:

*“La fonética estudia los elementos fónicos en sí, en su realidad de fenómenos físicos y fisiológicos, y se plantea el problema de cómo tal sonido y tal otro son pronunciados, y qué efecto acústico producen, pero olvida por completo la relación que*

*tienen con una significación lingüística; puede definirse como la ciencia del plano material de los sonidos del lenguaje humano.”*

Para Jakobson (1967:11), a fonética tem como tarefa a investigação dos sons da fala, de um ponto de vista puramente fisiológico, físico e psico-acústico.

Mounin (1982:79,80) traz a seguinte definição para fonética:

*“ Esta ciencia - que depende especialmente de la anatomía, de la fisiología y de la acústica – estudia la producción y la percepción de los sonidos de las lenguas humanas, en toda la extensión de sus propiedades físicas. Existe una fonética descriptiva (articulatoria, acústica, auditiva, experimental) y una fonética histórica. La fonética distintiva se dedica a la descripción de los rasgos susceptibles de oponer los sonidos entre sí en el plano lingüístico: se trata, pues, de una etapa preparatoria para la fonología.”*

É através da fonética que vamos determinar o sistema de sons das línguas ora em estudo. Através dela determinaremos quais são os sons possíveis dentro do sistema consonântico e vocálico.

A finalidade da fonética é:

- a) descrever os órgãos que participam na produção dos sons (produção);
- b) mostrar o caminho e os órgãos pelos quais o ar passa até a sua exteriorização (processo de realização);
- c) investigar a propagação do som no espaço falante-ouvinte (propagação);
- d) investigar como o ouvinte recebe o som (percepção).

## **2.2.1. Critérios para a descrição do som**

Uma transcrição fonética traz informações implícitas acerca do som simbolizado. Esta descrição serve também para explicar os sons de uma determinada língua numa pesquisa fonológica.

Os sons podem ser descritos segundo os seguintes critérios (Weiss1988:24)

- a) fonte da corrente de ar;
- b) direção da corrente de ar;
- c) o modo de articulação;
- d) ponto de articulação (consoantes), e a posição da língua na boca e a forma dos lábios (vogais);
- e) ação das cordas vocais (sonoridade);
- f) qualquer modificação do som ou qualquer articulação adicional ao som.

Apresentamos os quadros a seguir baseados nestes critérios.

### **2.2.1.1. Símbolos utilizados nas transcrições**

Para realizar a análise contrastiva no nível fonético e fonológico, é necessário que se obtenha, seguindo os mesmos princípios, os quadros das vogais e consoantes de cada sistema lingüístico a ser comparado.

Abreviaturas/Símbolos

sr – surdo

sn – sonoro

v – vogal assilábica

V – vogal

C- consoante

Transcrevemos os ditongos por uma sequência de símbolos correspondentes às vogais, sendo que o símbolo [ˆ] e [˜] vem colocado abaixo da vogal assilábica: [ ], [ ]. Os símbolos das vogais assilábicas [ ] e [ ] marcam o começo ou o fim de ditongo ou tritongo em português e espanhol.

/y/ representação fonológica da vogal assilábica [ ] no ditongo

/w/ representação fonológica da vogal assilábica [ ] no ditongo

O quadro 2.2.1.3. das vogais é o apresentado por Silva (1999:171)

[ ] realização do /i/ em posição átona

[ ] realização do /u/ em posição átona

[ ] realização do /a/ em posição átona

### ***2.2.1.2. Quadro dos fones consonantais do português.***

	<i>BILABIAL</i>		<i>LABIO DENTAL</i>		<i>LINGUO DENTAL</i>		<i>ALVEOLAR</i>		<i>PALATAL</i>		<i>VELAR</i>	
	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>
<i>OCCLUSIVA</i>	p	b			t	d					k	g
<i>FRICATIVA</i>			f	v			s	z			x	
<i>AFRICADA</i>												
<i>NASAL</i>		m				n						
<i>LATERAL</i>								l				
<i>VIBRANTE FRACA</i>												
<i>VIBRANTE FORTE</i>												r

### 2.2.1.3 .Quadro vocálico oral do português

	<i>ANTERIOR</i>		<i>CENTRAL</i>		<i>POSTERIOR.</i>
	arred.	não-arred.	arred.	não-arred.	arred. não-arred.
<i>ALTA</i>		i I			u
<i>MÉDIA-ALTA</i>		e			o
<i>MÉDIA-BAIXA</i>					
<i>BAIXA</i>				a	

### 2.2.1.4. Quadro vocálico nasal do português

	<i>ANTERIOR</i>	<i>CENTRAL</i>	<i>POSTERIOR</i>
<i>ALTA</i>			
<i>MÉDIA</i>			õ
<i>BAIXA</i>		ã	

### 2.2.2.1. Quadro dos fones consonantais do espanhol.

	<i>BILABIAL</i>		<i>LABIO DENTAL</i>		<i>LINGUO DENTAL</i>		<i>INTER DENTAL</i>		<i>ALVEOLAR</i>		<i>PALATAL</i>		<i>VELAR</i>	
	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>
<i>OCCLUSIVA</i>	p	b			t	d							k	g
<i>FRICATIVA</i>		â	f				è	ð	s				x	
<i>AFRICADA</i>														
<i>NASAL</i>		m				n								
<i>LATERAL</i>										l				
<i>VIBRANTE SIMPLES</i>														
<i>VIBRANTE MÚLTIPLA</i>										à				

#### 2.2.2.2. Quadro vocálico do espanhol:

	<i>ANTERIOR</i>	<i>CENTRAL</i>	<i>POSTERIOR</i>
<i>ALTA</i>	i		u
<i>MEDIA</i>		e	o
<i>BAIXA</i>			a

## CAPÍTULO III - FONOLOGIA

### 3.1. Introdução

É a forma sistemática pela qual cada língua organiza os sons. Para Alarcos Llorach (1967:25)

*“ La disciplina lingüística que se ocupa del estudio de la función de los elementos fónicos de las lenguas, es decir, que estudia los sonidos desde el punto de vista de su funcionamiento en el lenguaje y de su utilización para formar signos lingüísticos, se llama fonología.”*

Vale ressaltar que, para o estudo proposto, ambas disciplinas têm seu valor fundamental sendo quase impossível dissociar uma da outra. Essa observação já foi feita por Quilis & Fernández (1975:7):

*“El desarrollar solamente la Fonética de una lengua no tiene el mismo alcance ni extensión que cuando se desenvuelve con miras a la función que esos símbolos desempeñan en el sistema de la lengua. El pretender describir solamente el aspecto fonológico de una lengua sin tener en cuenta el fonético, es absurdo, y más que esto, un imposible. El valor y desarrollo de la Fonología y de la Fonética se condicionan mutuamente.”*

A finalidade da fonologia consiste em:

- a) detectar as representações mentais através de pares significativos;
- b) descrever as combinações possíveis desses sons;

c) inventariar os sons de acordo a sua funcionalidade, isto é, estabelecer o sistema fonológico.

### **3.2. Fonemas: considerações**

Os fonemas, por si só, não podem ser considerados como veículo de comunicação, a não ser numa seqüência lógica que pode formar uma sílaba e a junção dessas sílabas em palavras.

Cada língua organiza seu inventário fonético de acordo a um conjunto finito de elementos sonoros. Os falantes nativos, por sua vez, conseguem, mesmo que intuitivamente, identificar, pronunciar, reconhecer ou rejeitar tais sons.

Os estudos lingüísticos vêm tratando o tema do que se entende hoje por fonema de diferentes formas. No Círculo de Praga, cujos expoentes são Nikolai Trubetzkoy e Roman Jakobson, é que o fonema passa a ser definido da maneira que nos interessa neste trabalho.

Para Trubetzkoy, o fonema passa a ter uma conceituação funcional abstrata como a unidade mínima distintiva do sistema de sons, e é como uma unidade funcional que deve ser definido. O fonema é então a menor unidade fonológica da língua.



Bloomfield (1932) (apud. Mattoso Câmara 1970:44) define o fonema como unidade indivisível de traços distintivos.

Roman Jakobson teve um papel fundamental nos estudos fonológicos, no sentido de reformular o conceito de unidade mínima indivisível. Jakobson (1967:11) contribui para a fonologia pois estabelece o fonema como composto por traços fônicos, definindo-o como um “feixe de traços distintivos”.

*“FONEMA é o conceito básico da fonologia. Designamos por esse termo as propriedades fônicas concorrentes que se usam numa língua dada para distinguir vocábulos de significação diversa. Na fala, sons variados podem ser um mesmo e único fonema”.*

Acrescenta Jakobson (1967:44):

*“o fonema se revela uma unidade complexa e virtualmente um feixe de qualidades distintivas, ou melhor dito, de qualidades fonemáticas. A qualidade fonemática é uma unidade mínima já irreduzível, do sistema de valores lingüísticos distintivos”.*

Mattoso Câmara (1971:18) extrai dessas definições de fonema o essencial quando diz:

*“Para a compreensão do funcionamento da língua como meio de comunicação oral, o que importa são os traços articulatorios*

*“pertinentes”, isto é, aqueles que servem para caracterizar um fonema em face de outros que têm com ele traços comuns.”*

Cada língua emprega os fonemas de forma distinta, pois o fonema sozinho não tem qualquer significação. Gili Gaya (1966:83) postula que:

*“Todo idioma tiene un sistema limitado de fonemas, con valor de signos lingüísticos conscientes, a los cuales se refieren los ilimitados sonidos que en la realidad se pronuncian”.*

O som é a unidade da fonética e o fonema a unidade da fonologia.

A seguir temos os quadros dos fonemas consonantais e vocálicos do português e do espanhol, baseados em Mattoso Câmara (1970, 1971) para o português, e em Quilis & Fernández (1975), Hora (2000) e Masip (1998) para o espanhol.

### **3.2.1. Quadro dos fonemas consonantais do português**

	<b>BILABIAL</b>	<b>LABIO DENTAL</b>	<b>LINGUO DENTAL</b>	<b>ALVEOLAR</b>	<b>PALATAL</b>	<b>VELAR</b>
--	-----------------	-------------------------	--------------------------	-----------------	----------------	--------------

	SR	SN	SR	SN	SR	SN	SR	SN	SR	SN	SR	SN
<b>OCCLUSIVA</b>	p	b			t	d					k	g
<b>FRICATIVA</b>			f	v			s	z				
<b>NASAL</b>		m				n						
<b>LATERAL</b>								l				
<b>VIBRANTE FRACA</b>												
<b>VIBRANTE FORTE</b>								r				

### 3.2.2. Quadro dos fonemas consonantais do espanhol:

	BILABIAL		LABIO DENTAL		LINGUO DENTAL		INTER DENTAL		ALVEOLAR		PALATAL		VELAR	
	SR	SN	SR	SN	SR	SN	SR	SN	SR	SN	SR	SN	SR	SN
<b>OCCLUSIVA</b>	p	b			t	d							k	g
<b>FRICATIVA</b>			f				è		s				x	
<b>AFRICADA</b>														
<b>NASAL</b>		m				n								
<b>LATERAL</b>										l				
<b>VIBRANTE SIMPLES</b>														
<b>VIBRANTE MÚLTIPLA</b>										r				

## 3.3. FONOLOGIA DO PORTUGUÊS

### 3.3.1. Consoantes do português

Para Mattoso Câmara (1977:73), a consoante é o elemento que se combina com a vogal para formar a sílaba. De acordo com a posição que ocupa na sílaba, a consoante pode ser: pré-vocálica e pós-vocálica.

Na consoante pré-vocálica domina a fase final em que se desfaz uma obstrução e é superado o impedimento bucal à passagem da corrente de ar.

Na consoante pós-vocálica, a articulação se concentra na fase de cerramento, e a abertura da boca, que produz a vogal silábica, se reduz ou anula, sem solução de continuidade, para criar o elemento consonântico de travamento da sílaba.

É necessário, por outro lado, distinguir a consoante em meio de vocábulo, quando fica entre duas ou mais vogais. Na posição intervocálica, contexto mais favorável ao aparecimento de consoantes, existem dezenove tipos com oposições significativas em português.

### 3.3.2. – Consoantes em posição intervocálica:

Os fonemas consonantais que ocupam a posição intervocálica em posição medial de palavra são: / p // b // t // d // k // g/ - oclusivas ou plosivas.

/ f // v / / s // z // / / / - constrictivas ou fricativas.

/ m // n // / / - nasais

/ l // / / r // / / - líquidas e vibrantes

Mattoso Câmara (1980:62) oferece as seguintes possibilidades:

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ p /	roupa	[‘ro p ]	/ ’rowpa /
/ b /	rouba	[‘ro b ]	/ ’rowba /
/ t /	rota	[‘r t ]	/ ’r ta /
/ d /	roda	[‘r d ]	/ ’r da /
/ k /	roca	[‘r k ]	/ ’r ka /
/ g /	roga	[‘r g ]	/ ’r ga /
/ f /	mofo	[‘mof ]	/ ’mofU /
/ v /	movo (verbo- mover)	[‘mov ]	/ ’movU /
/ s /	ação assa (verbo- assar)	[‘as ] [‘as ]	/ ’asU / / ’asa /
/ z /	azo (ocasião, motivo) asa	[‘az ] [‘az ]	/ ’azU / / ’aza /
/ /	acha queixo	[‘a ] [‘ke ]	/ ’a a / / ’key U /
/ /	ajo (verbo- agir) queijo	[‘a ] [ke ]	/ ’a U / / ’key U /
/ l /	mala	[‘mal ]	/ ’mala /
/ ë /	malha	[‘ma ]	/ ’ma a /
/ m /	amo	[‘am ]	/ ’amU /

/ n /	ano	[‘an ]	/ ’anU /
/ /	anho (cordeiro)	[‘a u]	/ ’a U /
/ ã /	erra (verbo- errar)	[‘ r ]	/ ’ãra /
/ /	era	[‘ ]	/ ’ã a /

Na posição pré-vocálica em meio de palavra temos dezenove unidades estabelecidas no seguinte quadro:

	<i>BILABIAL</i>		<i>LABIO DENTAL</i>		<i>LINGUO DENTAL</i>		<i>ALVEOLAR</i>		<i>PALATAL</i>		<i>VELAR</i>	
	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>
<i>OCCLUSIVA</i>	p	b			t	d					k	g
<i>FRICATIVA</i>			f	v			s	z				
<i>NASAL</i>		m				n						
<i>LATERAL</i>								l				
<i>VIBRANTE FRACA</i>												
<i>VIBRANTE FORTE</i>								r				

### 3.3.3. Consoantes em posição inicial de palavra:

Dos dezenove fonemas que se apresentam em meio de palavra, há apenas um - a vibrante fraca - / / que não ocorre em início de sílaba

inicial de palavra. Há que frisar também que a ocorrência de dois outros fonemas - / / e / / - são em número muito reduzido aparecendo apenas um ou outro exemplo em posição inicial de palavra, referentes a vocábulos de origem estrangeira, segundo Mattoso Câmara (1970:48). Temos assim um quadro reduzido desses fonemas e listamos alguns exemplos abaixo:

<b>Fonemas</b>	<b>Representação Ortográfica</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>
/ /	lhama	[‘ am ]	/’ ama/
/ /	nhata	[‘ at ]	/’ ata/
	nhoque	[‘ ok ]	/’ okI /

São dezesseis consoantes que iniciam palavras em português, já que a vibrante fraca e as palatais não apresentam alto índice de incidência nesta posição.

### **3.3.4. Consoantes em posição pós-vocálica:**

Em posição pós-vocálica, os fonemas encontrados são poucos, pois se resumem, segundo Mattoso Câmara, às nasais, laterais, vibrantes e à fricativa alveolar. Nesta posição, estes fonemas apresentam distribuição

peculiar, por isso adotamos o conceito de arquifonema, segundo a definição trazida por Crystal (1988: ).

*“Termo usado em fonologia com referência a uma maneira de se lidar com o problema da neutralização, ou seja, quando o contraste entre fonemas se perde em certas posições de uma palavra. A solução sugerida por Nikolai Trubetzkoy (1890 – 1939) era estabelecer uma nova categoria para estes casos, por ele denominada de arquifonema, e transcrevê-lo com um símbolo diferente. Geralmente usa-se uma letra maiúscula.”*

Mattoso Câmara (1970:52,58) propõe para o português quatro arquifonemas na posição pós-vocálica, posição esta em que o fonema perde sua função distintiva.

Em relação à nasalidade Mattoso Câmara (1977:69) considera que o travamento da sílaba se dá nos moldes de vogal mais consoante nasal. Daí acrescenta:

*“a nasalidade já pode ser considerada em si mesma um fonema consonântico, desde que estabelece o travamento da sílaba nos moldes de vogal mais consoante.”*

Em posição pré-vocálica, a distinção entre os fonemas nasais é pertinente, em relação aos segmentos /m/, /n/ e / / das palavras: “mão”, “não” e “nhanhão”. Em posição pós-vocálica, no entanto, esta oposição se neutraliza.



Por essa razão, alguns lingüistas, Mattoso Câmara e Malmberg, estabelecem um arquifonema nasal em posição pós-vocálica, como explicação para o fenômeno de nasalização. Segundo eles, o fato de um morfema nasal como “lã” ou “pão” originar a derivação de palavras como “lanifício” e “panificadora” justifica a decisão teórica pela exclusão da vogal nasal do quadro dos fonemas vocálicos do português, e analisam a vogal nasal como dois elementos. Neste trabalho, no entanto, não assumimos este ponto de vista, pois consideramos que o sistema vocálico português se constitui de elementos orais e nasais, em contraste com o espanhol que apresenta apenas vogais orais.

Em final de sílaba, há um processo de alofonia que envolve a consoante lateral. Em certas regiões do Brasil, as palavras “auto” e “alto” apresentam mesma pronúncia, o que faz que a mesma transcrição [‘a t ] corresponda a duas possibilidades fonológicas equivalentes a / ‘awto / e / ‘aLto / nas diferentes acepções anteriores. Por essa variedade de pronúncia, escolhemos o arquifonema lateral / L / como representação dos segmentos lateral e vocálico, que acrescidos da variável regional do sul do Brasil que pronuncia a lateral de maneira velarizada [ ], resumem dois segmentos fonéticos em unidade fonológica única: [‘a t ] varia com [‘a t ] em representação de / ‘aLto /, em que o arquifonema lateral os distingue de / ‘awto / - “auto”.

As vibrantes forte / r / e fraca / ʀ / distinguem palavras tais como “carro” e “caro”. Em final de sílaba, tal distinção se neutraliza. Ainda que a pronúncia da vibrante pós-vocálica seja variada conforme a região do Brasil, a decisão pelo arquifonema / R / unifica as realizações, simplificadas aqui em dois níveis de vibração: forte e fraca, como no exemplo da palavra “tarde” - [ˈtar i] ~ [ˈtar i] - / taRde /.

Um arquifonema fricativo / S / se explica para determinar os travadores que se manifestam como sonoros ou surdos, conforme a consoante que lhes segue. Observamos na palavra “pasta” - [ˈpast ] - / ˈpaSta / e na palavra “rasga” - [ˈrazg ] - / ˈraSga /.

Partindo dessa proposta assumimos a existência de três arquifonemas em português que são / L /, / R / e / S /. Como assumimos a existência da vogal nasal em português, contrariando o conceito expalariado por Mattoso Câmara (1970:52), a respeito da mesma, não temos portanto uma sílaba travada por um arquifonema nasal / N /.

### **3.4. Vogais do português**

Para Mattoso Câmara, o primeiro problema para a descrição de uma língua é estabelecer quais são os sons vocálicos, pois são com eles que se constroem as sílabas.

As vogais são sons produzidos sem nenhum impedimento à passagem do ar, e cuja qualidade é determinada pelo espaço livre na boca e na faringe (caixas de ressonância), segundo a posição dos lábios, o grau de abertura da boca regulado pelo queixo, a posição da língua em relação ao palato, e a tensão dos músculos (da língua, dos lábios, do palato mole e da faringe).

Foneticamente, as vogais são classificadas de acordo com os seguintes critérios:

- a) Zona de Articulação: A posição relativa da língua na boca, em termos de duas dimensões: verticalmente (alto, médio ou baixo) e horizontalmente (anterior, central e posterior).
- b) Timbre: o grau de abertura da boca produz o efeito acústico da ressonância. Dessa forma as vogais serão abertas ou fechadas.
- c) A posição dos lábios que podem ser arredondados [o,     , u ] e não arredondados [e,   , i,     ,     ].
- d) Tensão muscular: podem definir sons fortes ou fracos.

Articulatoriamente, segundo Weiss (1988:24) as vogais se distinguem das consoantes devido aos seguintes fatores:

- a) A vogal não tem ponto de articulação fixo, já que é classificada segundo a posição da língua na boca (no sentido horizontal e no vertical).

- b) A forma dos lábios distingue vogais arredondadas e não-arredondadas.
- c) São sonoras e fonologicamente ocupam sempre o núcleo da sílaba.
- d) A passagem do ar é livre: não há nenhuma obstrução à corrente de ar.
- e) São pronunciadas com maior duração e tonicidade que as consoantes.

Para Mattoso Câmara (1970:41-43), as vogais do português são representadas por um sistema triangular, em cujo vértice mais baixo está a vogal / a /. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de primeiro grau, vogais médias de segundo grau e vogais altas.

Do ponto de vista fonológico, a variedade fonética se explica por um sistema triplo, que depende da posição da vogal na sílaba, a saber:

### **3.4.1. Vogal em sílaba tônica**

No português do Brasil, em posição tônica as vogais orais são sete / i, e, a, o, u /. Sendo assim, sete fonemas vocálicos podem ocupar a sílaba tônica.

## Vogal em posição tônica

	<b>Anterior</b>	<b>Posterior</b>
<b>Altas</b>	/ i /	/ u /
<b>Médias</b>	/ e /	/ o / (2º grau)
<b>Médias</b>	/   /	/   / (1º grau)
<b>Baixa</b>	/ a /	
	<b>Central</b>	

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ i /	bico, ali	[ˈbik ], [aˈli]	/ ˈbiko /, / aˈli /
/ e /	beco, seco	[ˈbek ], [ˈsek ]	/ ˈbekU /, / ˈsekU /
/   /	bela, café	[ˈb ɫ ], [kaˈf ]	/ ˈb ɫa /, / ˈkaf /
/ a /	bala, tapa	[ˈbal ], [ˈtap ]	/ ˈbala /, / ˈtapa /
/ o /	bolo, alô	[ˈbol ], [aˈlo]	/ ˈbolU /, / aˈlô /
/   /	bola, bota	[ˈb ɫ ], [ˈb t ]	/ ˈb ɫa /, / ˈb ta /
/ u /	bule, uva	[ˈbul ], [ˈuv ]	/ ˈbulI /, / ˈuva /

No contexto de sílaba tônica, os fonemas vocálicos /   / e / e / e /   / e / o / estão em oposição, como observados nos exemplos acima e nas diferenças de significado entre: “pé” e “pe”, “avô” e “avó”.

### 3.4.2. Vogal em sílaba átona

Na posição átona, o contraste de altura entre as vogais médias se apaga. Desta feita, não se ouve a diferença de timbre entre [e] e [ɛ], ou entre [o] e [ɔ] nesta posição. Por isso, as sete unidades fonológicas se reduzem a cinco, segundo Mattoso Câmara (1970:43).

Temos assim o seguinte quadro:

### 3.4.2.1. Vogal átona pré-tônica

	Anterior	Posterior
<b>Altas</b>	/ i /	/ u /
<b>Médias</b>	/ e /	/ o /
<b>Baixa</b>	/ a /	
	<b>Central</b>	

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ i /	vital	[vi'ta ]	/ vi'taL /
/ e /	dedal*	[de'da ]	/ de'daL /
/ a /	capaz	[Ka'pa ]	/ ka'paS /
/ o /	colega*	[ko'l g ]	/ko'l ga /

/ u /	cueca	[ku' k ]	/ ku' ka /
-------	-------	----------	------------

Usamos asterisco (\*) nas palavras “dedal” e “colega” para indicar que em algumas regiões do Brasil, a variação dialetal pode fazer com que as vogais pré-tônicas [e] e [o] se realizem como [ ] e [ ] respectivamente. (cf. Callou, Moares & Leite (1996) apud. Silva (1999:81)).

### 3.4.2.2. Vogal átona pós-tônica não final

Nessa posição encontramos os mesmos elementos que no quadro anterior, a saber, as cinco vogais em que desaparece o contraste de altura entre as vogais médias. É, portanto, o seguinte quadro:

	<b>Anterior</b>	<b>Posterior</b>
<b>Altas</b>	/ i /	/ u /
<b>Médias</b>	/ e /	/ o /
<b>Baixa</b>	/ a /	
	<b>Central</b>	

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ i /	tráfico	[ 't afik ]	/ 'trafikU /
/ e /	tráfego	[ 't afeg ]	/ 'trafegU /
/ a /	sílaba	[ 'silab ]	/ 'silaba /

/ o /	* pérola	*[p ol ],[‘p l ] [‘p r l ]	/ ‘p rola /
/ u /	cédula	[‘s dul ]	/ ‘s dula /

Usamos asterisco (\*) na palavra “pérola” porque a pós-tônica, nesse caso, pode realizar como [ , o, u] dependendo da variação dialetal, conforme mencionamos anteriormente, segundo (Callou, Moares & Leite (1996) apud. Silva (1999:81) ).

### 3.4.2.3 Vogal átona final de palavra.

O sistema vocálico em posição átona final se reduz a três realizações fonéticas, sendo que [ ] equivale ao som vocálico alto anterior não-arredondado e representa os fonemas / e / e / i / em posição átona final. Os fonemas posteriores / o / e / u / se manifestam também por meio de um único fone [ ] que Silva (1999:171) considera como posterior alto não-arredondado. A vogal baixa / a / apresenta um alofone de abertura média que figura aqui como [ ]. Veja-se o quadro fonético de três unidades referentes ao sistema vocálico átono final.

	<b>Anterior</b>	<b>Posterior</b>
<b>Alta</b>	/ i /	/ u /
<b>Baixa</b>	/ a /	



## Central

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ i /	júri	[‘ u ]	/’ urI /
/ e /	bate	[‘ba ]	/’batI /
/ a /	gota	[‘got ]	/’gota /
/ u /	mato	*[‘mato], [mat ]	/’matU /

Na realização da pós-tônica final / o / podemos encontrar as realizações fonéticas [o] e [ ], assim como para a vogal anterior / e / podemos encontrar também as realizações [e] e [ ], como nos exemplos em “bate” e “bolo”.

Por essa razão dizemos que os fonemas / e / e / o / se realizam de acordo com a alofonia posicional em [e] e [o] em sílaba tônica e como [ ] e [ ] em sílaba átona final.

Assim resumimos que fonologicamente o português possui um sistema de sete fonemas vocálicos orais / i, , e, a, o, , u / que, a depender da posição na sílaba tônica ou átona, pode se reduzir a diferentes realizações, simplificando o contraste entre a altura de vogais anteriores e posteriores.

### 3.4.3. Vogal nasal

Há divergência entre autores sobre a classificação da vogal nasal em português. Duas posições divide a opinião dos estudiosos: de um lado os que consideram que há vogais orais e nasais, e de outro lado os que postulam que só há vogais orais em português.

Mattoso Câmara (1977:69) considera que não há vogais nasais em português, e sim vogais orais seguidas de arquifonema nasal.

*“a nasalidade já pode ser considerada em si mesma um fonema consonântico, desde que estabelece o travamento da sílaba nos moldes de vogal mais consoante nasal.”*

Mattoso Câmara (1971:24) considera que o português se caracteriza por uma emissão nasal para as vogais, ao contrário das demais línguas românicas em que ocorre uma leve nasalização da vogal em contato com uma consoante nasal na mesma sílaba ou em sílaba diferente. Esse elemento nasal posterior à vogal na mesma sílaba é pronunciado, tem valor fonológico e nasaliza a vogal que o precede.

*“Não há equivalência entre as duas emissões nasais. O português, ao lado da nasalidade fonológica, também tem essa nasalidade ocorrente por assimilação à consoante nasal de uma sílaba seguinte. É preciso assinalar, portanto, que uma nasalidade como “junta”, oposto à “juta”, ou de “cinto”, oposto a “cito”, ou “lenda” oposto à “leda”, e assim por diante não se deve confundir com uma pronúncia levemente nasal da primeira*

vogal de “cimo”, ou de “uma”, ou de “tema””. Mattoso Câmara (1971:25)

Para Mattoso Câmara não há vogal nasal no português, mas sim uma vogal oral seguida de um arquifonema nasal N. Assim, [ã] = / a / + / N /  
[ õ ] = / o / + / N /.

Sobre o tema da nasalização, cumpre reconhecer dois fenômenos: um fonético, outro fonológico.

Há o caso fonológico, Mattoso Câmara (1970:47), de vogal seguida de consoante nasal na mesma sílaba, responsável pela oposição em

“junta” - / ' uNta / - “juta” - / ' uta /,

“cinto” - / ' siNtU/ - “cito” - / ' sitU /.

Há outro caso fonético de vogal seguida de consoante nasal em sílaba distinta, que se explica por caso de assimilação, em que as vogais se realizam nasalizadas por fenômeno de contaminação por proximidade. É típico do português.

“fome” - / ' f me / - [fõm ] ~ [f m ] ~ [fûm ].

“banana” - / ba'nana / - [ba'nãn ] ~ [bã'nãn ] ~ [ba'nan ].

Esse polêmico assunto das vogais nasais em português é discutido por vários autores, e resumido por Hora (2000). Alguns autores acrescentam aos segmentos vocálicos já apresentados o quadro das vogais nasais. Para autores como C. Cunha, C. Faraco e F. Moura, R. Hall e E. Lopes, há o sistema de vogais orais que se opõem ao de nasais, pois eles

reconhecem, além dos sete fonemas vocálicos orais, outros cinco fonemas vocálicos nasais num total de doze vogais em português.

Há autores que não aceitam a vogal nasal, pois consideram a nasalização como um seqüência de vogal oral e um arquifonema nasal / N /. Nós não adotamos esta postura, cujo principal defensor é Mattoso Câmara (1971, 1977), baseados no fato de que há pares mínimos que justificam o estabelecimento de fonemas distintivos. As vogais nasais se encontram em oposição às orais, por isso são considerados fonemas, em exemplos como:

/a/ : /ã/ “lá” e “lã” / 'la / : / 'lã /

/u/ : / / “juta” : “junta” / ' uta / : / ' ta /

Sendo assim no português o sistema vocálico de sete vogais passa para doze vogais.

Vandresen (1975) em seu artigo “O vocalismo português: implicações teóricas” mostra que Pontes e Mattoso Câmara embora concordem com a mesma realidade fonética das vogais nasais divergem nos resultados da análise, pois Pontes adota as vogais nasais como parte do sistema fonológico e Mattoso Câmara não. Acrescenta:

*“Embora não se possa negar que as transcrições fonéticas possam induzir o analista a preferir uma opção na interpretação de segmentos problemáticos, quer-nos parecer que no caso das nasais as divergências estão mais no posicionamento teórico dos autores que nas minúcias fonéticas.” Vandresen (1975:90)*

Segundo Vandresen (1975:90), Hall, Pontes, Back e Matos, Back, são autores que defendem a existência de cinco fonemas nasais – posição que adotamos neste trabalho por considerarmos as nasais do português como o elemento de contraste com o espanhol. Esta não é a posição do renomado foneticista Malmberg, nem de Mattoso Câmara que defende que a vogal nasal é vogal oral seguida de arquifonema nasal / N / V= VN.

O fato de não adotarmos a posição de Mattoso Câmara implica análise diferenciada da estrutura silábica do português, como vemos nos capítulos finais deste trabalho.

#### **3.4.4. Vogal assilábica**

Outra discussão controvertida na análise do português é a interpretação da vogal assilábica ou semivogal. O problema se resume a como considerar a vogal assilábica: como parte do inventário fonológico das vogais ou das consoantes?

Mattoso Câmara (1970:46) propõe que a vogal assilábica do ditongo pode ser interpretada como uma consoante na sílaba, já que essa vogal não tem proeminência acentual. Ele se pergunta “[...] *se a vogal assilábica não é, na realidade, uma consoante em português uma vez que funciona como tal.*”

Há, segundo Mattoso Câmara (1970:46), dois fonólogos Moraes Barbosa e Brian Head que consideram as semivogais como consoantes, embora Head reconheça que foneticamente se trata de vogais.

Considerar a vogal assilábica como fonema consonantal significa aumentar as consoantes de dezenove para vinte e uma, e por outro lado, diminuir os tipos silábicos a descrever. Dessa forma os fonemas /y/ e /w/ passam a formar parte do quadro de consoantes do português.

Uma proposta alternativa é interpretar a vogal assilábica como parte do sistema vocálico. Na Estrutura da língua portuguesa, Mattoso Câmara (1970: 46) assinala:

*“[...] nos força a interpretar a vogal assilábica, mesmo em termos fonêmicos, como vogal ( alofone assilábico de uma vogal, e, nunca, como uma consoante).”*

Adotando as vogais assilábicas / y / e / w / como parte do sistema vocálico, faz-se necessário excluí-las do sistema consonantal e aumentar o padrão silábico por considerar estruturas do tipo CVv.

Na primeira interpretação, mantemos uma estrutura silábica prevista CVC e em conseqüência aumentamos o sistema consonantal de dezenove para vinte e uma consoantes. Na segunda interpretação, acrescentamos pelo menos mais um tipo silábico CVv e mantemos um sistema de dezenove fonemas.

Para a nossa análise silábica do português, aceitamos a segunda proposta em que os fonemas / y / e / w / são vogais assilábicas, com isso mantemos o quadro de dezenove fonemas consonantais, mas aumentamos os padrões silábicos.

Concluimos assim que a estrutura silábica permite duas vogais seguidas, em que uma obrigatoriamente se lê como silábica, contígua a assilábica. A vogal assilábica pode vir antes ou depois da vogal nuclear, como na palavra “pai”, em que o último segmento figura como a vogal não silábica.

### **3.5. Ditongo**

Os ditongos, em português, são geralmente tratados com uma seqüência de segmentos vocálicos, onde um segmento é interpretado como o elemento mais silábico - a vogal - e o outro é interpretado como “semiconsoante, semivogal, vogal assilábica ou glide”. Isto é, este elemento funciona como uma vogal modificada por outra que está na mesma sílaba, que ao invés de ser o centro silábico, fica numa das margens da sílaba, como uma consoante. Das sete vogais orais, / i, u / têm função assilábica como vogal auxiliar do ditongo, ou seja, são meros “glides” entre vogais, sem proeminência acentual.

Considerando que na formação do ditongo só um dos elementos é a vogal e o outro elemento a vogal assilábica, enumeramos os ditongos decrescentes.

### **3.5.1. Ditongo decrescente**

- 1) / ay / : “pai”
- 2) / aw / : “pau”
- 3) / y / : “papéis” (só diante de S)
- 4) / ey / : “lei”
- 5) / iw / : “riu”
- 6) / y / : “mói”
- 7) /oy/ : “boi”
- 8) / ow / : monotongado no registro formal e informal / ô / em “vou”
- 9) / uy / : “fui”
- 10) / ew / : “teu”
- 11) / w / : “céu”

### **3.5.2. Ditongo crescente**



Para Mattoso Câmara (1970:54), o ditongo crescente [ a] se apresenta em variação livre com o hiato. Para ele, há uma tendência no português a pronunciar o ditongo como hiato, isto é, “suador” se manifesta como “su.a.dor”.

Ditongos crescentes com início em /y/:

1) /ya/ “séria”

2) /ye/ “série”

3) /yu/ “sério”

Ditongos crescentes com início em /w/:

4) /wa/ “mágoa”

5) /we/ “tênuê”

6) /wo/ “árduo”

Mattoso Câmara (1970:55) observa que um problema na descrição da estrutura silábica em português está no ditongo. Isto porque primeiro há que se decidir se realmente há ou não ditongos em nossa língua. Segundo Mattoso Câmara, há uma tendência em transformar ditongos em hiatos, como observados na pronúncia corrente de “suador”, que podemos ter duas realizações: - “sua.dor” ou “su.a.dor” - ou em “vaidade” - “vai.da.de” ou “va.i.da.de”. Nesses casos os ditongos podem ser realizados como hiato.

Em um estudo preliminar sobre o apagamento da vogal assilábica [ ] no ditongo decrescente [e ], (cf. Ribeiro, 2001:76-79) analisamos 441 dados extraídos do banco de dados do VARSUL, onde selecionamos oito

informantes de Blumenau – SC, ditribuídos em quatro representantes do sexo masculino e feminino. Observamos o processo de apagamento da vogal assilábica, ou seja, um ditongo passa a monotongo quase que categoricamente, independente do grau de escolaridade dos informantes entrevistados: pessoas com o primeiro ou segundo graus completos. Os contextos mais propícios para o processo de monotongação são diante de: [ ] como em “peixe” – [‘pe ], diante de [r] em “dinheiro” – [ i’ er ], e [ ] em “feijão” – [fe’ ã ]. Esse fenômeno pode ser apreciado no registro formal e informal de falantes do português da região de Blumenau e parece extensivo ao dialeto das demais regiões do Brasil.

Apesar da possibilidade de dupla interpretação, do ditongo e/ou hiato, em nossa análise consideramos os ditongos crescentes uma seqüência de vogal assilábica e vogal.

### **3.5.3. Ditongo Nasal**

Os ditongos nasais em português são sempre decrescentes e são constituídos pela seqüência vogal nasal e semivogal, segundo Silva (1999:99).

- 1) /ãy/ – “mãe”,
- 2) /õy/ – “lições”,
- 3) / y/ – “ruim”

4) / y/ – “bem”

5) /ãw/ – “coração”, “sabão”

Os ditongos nasais serão representados na estrutura silábica como uma seqüência de vogais nasal + “glide”, assim como os ditongos crescentes, representando um padrão silábico possível no português.

#### **3.5.4. Tritongo**

A vogal assilábica [ ] depois de plosiva velar forma tritongo que opõe “quais” – [k a s] – / ‘kways / a “coais” – [ko’a s] - /ko’ays /. Os tritongos são encontrados apenas seguindo as consoantes / k / e / g /.

Collischonn (in Bisol, 1999:111) acrescenta que as chamadas consoantes complexas [k ] e [g ] são resquícios do latim e que a língua portuguesa mostra tendência de simplificá-los na pronúncia, fenômeno que vem se espelhando na escrita de alguns poucos vocábulos, como: “quatorze – catorze”, “quociente – cociente”.

## 3.6. FONOLOGIA DO ESPANHOL.

### 3.6.1. Consoantes do espanhol

As consoantes do espanhol podem ocupar as posições pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica.

Masip (1998:57) afirma que as consoantes se realizam plenamente em posição pré-vocálica, em que se pode reconhecer dezoito fonemas apresentados no seguinte quadro:

	<i>BILABIAL</i>		<i>LABIO DENTAL</i>		<i>LINGUO DENTAL</i>		<i>INTER DENTAL</i>		<i>ALVEOLAR</i>		<i>PALATAL</i>		<i>VELAR</i>	
	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>
<i>OCCLUSIVA</i>	p	b			t	d							k	g
<i>FRICATIVA</i>			f				è		s				x	

<i>AFRICADA</i>														
<i>NASAL</i>		<b>m</b>				<b>n</b>								
<i>LATERAL</i>										<b>l</b>				
<i>VIBRANTE SIMPLES</i>										<b>r</b>				
<i>VIBRANTE MÚLTIPLA</i>										<b>à</b>				

### 3.6.1.1. Consoante intervocálica inicial

Na posição intervocálica, temos dezoito fonemas consonantais, ilustrados no quadro por alguns pares contrastivos:

<b>Fonemas</b>	<b>Representação Ortográfica</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>
/ p /	ropa	[‘ropa]	/ ’ropa /
/ b /	roba	[‘roâa]	/ ’roba /
/ t /	ruta	[‘ruta]	/ ’ruta /
/ d /	hada	[‘aða]	/ ’ada /
/ k /	poco	[‘poko]	/ ’poko /
/ g /	hogar	[o’ ar]	/ o’gaR /
/ f /	mofa	[‘mofa]	/ ’mofa /
/ è /	hace	[‘aèe] ~ [‘ase]	/ ’aèe /
/ s /	casa	[‘kasa]	/ ’kasa /
/ x /	ají	[a’xi]	/ a’xi /
/ /	mucho	[‘mu o]	/ ’mu o /
/ m /	ama	[‘ama]	/ ’ama /

/ n /	cena	[‘èena] ~ [‘sena]	/ ’èena /
/ /	año	[‘a o]	/ ’a o /
/ l /	calar	[ka’lar]	/ka’laR/
/ /	calle	[‘ka e]	/ ’ka e /
/ /	caro	[‘karo]	/ ’karo /
/ r /	carro	[‘kaào]	/ ’kaào /

Em posição pré-vocálica em início de palavra, o quadro se simplifica apenas em um elemento, já que das dezoito unidades se apresentam dezessete, pois a vibrante / r / não inicia palavra em espanhol.

### 3.6.1.2. Consoante oclusiva sonora:

Os fonemas oclusivos sonoros apresentam-se em distribuição complementar em posição inicial de sílaba. Como travadores silábicos comportam-se da mesma maneira os três elementos: bilabial, alveolar e velar – conforme resumimos a seguir:

- 1) O fonema / b / se realiza como [b] em posição pré-vocálica, após pausa ou consoante nasal, e como fricativa bilabial sonora [â] nos demais ambientes.

⇒ Ex: “bollo” – [‘bo o] - /’bo o/, “uva” – [uâa] - /’uba/.

⇒ Em posição pós-vocálica, tanto palavras escritas com “p” como com “b” são pronunciadas com uma leve obstrução. O travador é representado pelo arquifonema / B /, resultado da neutralização entre

as oclusivas / p / e / b /, em vocábulos como: “apto” – / 'aBto /,  
“ábside” - / 'aBside /.

2) O fonema / d / apresenta a realização oclusiva [d] em posição pré-vocálica, após pausa, consoante nasal ou lateral [l], e se manifesta também como fricativa [ð] nos demais contextos.

⇒ Ex. “dedo” – [‘deðo] - /'dedo/.

⇒ Em posição pós-vocálica, uma leve obstrução iguala a articulação de palavras escritas com “t” ou “d”. A palavra “Bagdad”, por exemplo, tão presente nos noticiários atuais devido à guerra entre Estados Unidos e Iraque, se ouve com a seguinte pronúncia: [ba?'da ð] - / baG'daD /. Nesse caso a oclusiva dental não se fricativiza, devido à pausa provocada pela oclusão intermediária. Tal fenômeno afeta também palavras como “atmósfera” e “admirable”. Por essa razão, um arquifonema / D / representa a neutralização de oclusivas, em exemplos como: “atmósfera”- / aD'mosfera /, “admirable”- / aDmi' rable /.

3) O fonema / g / se realiza como [g] após pausa e consoante nasal e como [ ] nos demais contextos.

⇒ Ex: “gato” – [‘gato] - /gato/, “lugar” – [lu' ar] - /lu'gaR/.

⇒ Em posição pós-vocálica, as oclusivas se manifestam por uma breve obstrução, fazendo com que se reconheça um segmento

comum – o arquifonema / G / - para a pronúncia de palavras como: “acto” - / 'aGto /, “agnóstico” / aG'nostiko /.

Concluimos que dois fenômenos envolvem as oclusivas sonoras: a alofonia em posição pré-vocálica em que ocorre a fricativa correspondente e a neutralização quanto à sonoridade em posição de margem silábica pós-vocálica.

### **3.6.1.3. Consoante pós-vocálica**

Em espanhol há cinco arquifonemas em posição pós-vocálica, contexto em que a consoante perde a sua capacidade distintiva plena, segundo Masip (1998:57). São eles: / B /, / D /, / G /, / N / e / R /.

Nos itens anteriores, explicamos o comportamento dos arquifonemas oclusivos. Falta tratar, portanto, dois arquifonemas pós-vocálicos: / N / e / R /.

Há a neutralização dos fonemas / m / e / n / em posição pós-vocálica. Os respectivos fonemas perdem sua capacidade distintiva que ocupam em posição pré-vocálica em palavras como “mudo e “nudo”. Além destes elementos, a nasal pós-vocálica costuma realizar-se homorgânica à consoante que lhe segue em processo de assimilação, conforme se vê em:



<b>Arquifonemas</b>	<b>Representação Ortográfica</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>
/ N /	bomba canta ancho tango	[‘bomba] [‘kanta] [‘a o] [‘ta go]	/ ’boNba / / ’kaNta / / ’aN o / / ’taNgo /

Por essa razão escolhemos um arquifonema / N / que representa as várias realizações fonéticas da nasalização em espanhol. Nesta língua julgamos necessária a classificação das diferentes nasais em um elemento único. Foneticamente, a vogal é seguida de nasal, posição que conservamos ao abordar a fonologia espanhola.

O arquifonema / R / relativo à vibrante equivale à neutralização da distinção entre os fonemas / r / e / à / que distinguem “caro” e carro” em posição pré-vocálica. Em posição pós-vocálica, tal oposição se neutraliza, sendo / R / a representação das diferentes manifestações da vibrante nos dialetos hispânicos. Exemplo: “carta” – [‘karta] - / ’kaRta /.

#### **3.6.1.4. Variação dialetal**

Dois fenômenos merecem consideração, dada a extensão de sua divulgação. As variações devido a posição geográfica do “yeísmo” e “ceceo”. São diferenças fonéticas que citamos à guisa de comentário.

Denomina-se “yeísmo” o fenômeno que consiste na substituição da consoante líquida lateral palatal pela consoante africada palatal, isto é, o fonema /  $\text{ɲ}$  / que se realiza como [  $\text{ɲ}$  ]. Atualmente é um fenômeno que está amplamente difundido na região do Plata e não é considerado vulgar. Temos exemplos como “pollo” – [‘po  $\text{ɲ}$  o] ~ [‘po o] - / ‘po o /, “gallina” - [ga ‘  $\text{ɲ}$  ina] ~ [ga ‘ ina] - /ga ‘ ina/. O “yeísmo” contrasta as pronúncias da Espanha e Argentina, por exemplo, por isso é conhecido como uma variante regional, segundo Miranda (1992:35).

Outro fenômeno de variação dialetal, segundo Miranda (1992:35) se chama “seseo” e “ceceo”.

O “seseo” se caracteriza pelo fenômeno de substituir o fonema fricativo interdental surdo /  $\text{ʃ}$  / castelhano pelo fonema fricativo alveolar surdo /  $\text{s}$  /. Essa pronúncia é comumente usada nos países hispano-americanos, na maior parte da região de Andaluzia e de Canárias. Há como exemplos “realización” – [reali $\text{ə}$ ’ $\text{ʃ}$  on] ~ [realisa’s on]. Observa Quilis & Fernández (1975:94) que este fenômeno ocorre em várias regiões da Espanha e América e que por razões de fonética histórica foi substituído por [  $\text{s}$  ]. E esta substituição é considerada como norma correta de pronúncia e a oposição entre “caza” – [‘ka $\text{ə}$ ], ~ “casa” – [‘kasa], “cerrar” – [ $\text{e}$ ’rar] e “serrar” – [se’rar] se neutraliza em regiões em que vigora o “seseo”.

A contraparte do “seseo” é conhecida como “ceceo”. Segundo Miranda (1992:35) denomina-se “ceceo” a articulação do fonema / s / castelhano como o fonema interdental / è /. Observa-se nos exemplos como em: “pase” [‘pase] ~ [‘paèe]; “casa” – [‘kasa] ~ [‘kaèa]. A esse fenômeno de “cecear” Mounin (1982:35) faz a seguinte consideração:

*“ceceo. Fonet. Se llama ceceo al trueque de [s] por [è] que se extiende por zonas de Andalucía; así la frase si, señor; fui a la misa [síseòór/fwíamisa] será pronunciada [èièèòór/fwíamíèa].”*

### **3.7. Vogais do espanhol**

Para Alarcos Llorach (1968:144), no espanhol os fonemas que por si só ou combinados entre si podem formar palavras ou sílabas são vocálicos. Os demais fonemas são incapazes de formar sílaba sem a ajuda de uma vogal: as consoantes.

De acordo com Quilis (1975:47):

*“ en español, la vocal es el único sonido capaz de constituir un núcleo silábico bien por sí misma, bien rodeada de otras consonantes, que forman los llamados márgenes silábicos. Desde el punto de vista fonológico, las vocales se oponen a las consonantes precisamente por su capacidad de formar núcleo silábico: vocal = núcleo silábico / consonante = margen silábico”.*

Para explicar o que é uma vogal do ponto de vista acústico, Alarcos Llorach (1968:144) define:

*“ El español utiliza fonológicamente dos de las propiedades articulatorias y acústicas que sirven para la distinción de los fonemas vocálicos entre sí: a) el grado de abertura, que condiciona la mayor o menor frecuencia del llamado primer formante de la vocal, y b) la configuración de la cavidad bucal según la posición de la lengua y los labios, reflejada en la mayor o menor frecuencia del segundo formante de la vocal (timbre). ”*

Fazem parte do sistema vocálico espanhol cinco vogais que são:

### **Vogais tônicas e átonas**

	<b>Anterior</b>	<b>Posterior</b>
<b>Alta</b>	/ i /	/ u /
<b>Média</b>	/ e /	/ o /
<b>Baixa</b>	/ a /	

### **3.7.1. Posição tônica:**

<b>Fonemas</b>	<b>Representação Ortográfica</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>
/ i /	pico, allí	[‘piko], [a’ i]	/ ’piko /, / a’ i /
/ e /	dedo, seco	[‘deðo], [‘seko]	/ ’dedo /, / ’seko /
/ a /	casa, tapa	[‘kasa], [‘tapa]	/ ’kasa /, / ’tapa /
/ o /	bollo, oso	[‘bo o], [‘oso]	/ ’bo o /, / ’oso /

/ u /	luna, uva	[ˈluna], [ˈuâa]	/ ˈluna /, / ˈuba /
-------	-----------	-----------------	---------------------

### 3.7.2. Posição átona

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ i /	útil, íntimo	[ˈutil ], [ˈintimo]	/ˈutil/, /ˈiNtimo/
/ e /	parte, preste	[ˈparte], [ˈpreste]	/ˈpaRte/, /ˈpreste/
/ a /	mapa, atrás	[ˈmapa], [aˈtras]	/ˈmapa/, /aˈtras/
/ o /	plato, osado	[ˈplato], [oˈsaðo]	/ˈplato/, /oˈsado/
/ u /	tribu, lugar	[ˈtriâu], [luˈ ar]	/ˈtribu/, /luˈgaR/

O espanhol possui um sistema vocálico mais conciso que o português e os elementos vocálicos se mantêm igual nas posições tônica, átona e final de palavra.

Hora (2000:19), em seu artigo sobre o sistema fonológico do português e espanhol, mostra que a nasalidade em espanhol não apresenta problemas, pois não é uma traço característico das vogais. A isso, Quilis & Fernández (1975:54) completam escrevendo:

*“El español posee una especie de vocal oronasal con menos resonancia que las correspondientes francesas o portuguesa, que es preferible denominar oronasalizadas.*

*Se da en castellano esta clase de vocales, alófonos de las vocales orales.”*

Para esses autores, as posições favoráveis para o aparecimento do alofone oronasal das vogais orais que são:

- 1) uma vocal entre duas consoantes nasais: “mano” - / 'mano /  
[ 'mano] , “nene” - [nene] – / 'nene /.
- 2) se encontra em posição inicial absoluta, precedida de pausa, e seguida de uma consoante nasal: “insaciable” – [insa'è aâle],  
/ iNsa'èyaâle /.

Em espanhol, a vogal é pronunciada de forma oral, e a nasal é contígua a ela, em casos específicos que opõem “da”- [ 'da] - / 'da / (terceira pessoa do verbo “dar”) a “dan” – [dan] - / 'daN / (terceira pessoa do plural do mesmo verbo), “de” (preposição) a “den” ( verbo “dar”, terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo), “pa” a “pan”, etc. A razão para o estabelecimento apenas de vogais orais para a fonologia do espanhol se apóia também em argumento fonético.

Rebollo Couto & Stuckenbruck (1995), em pesquisa acústica sobre a pronúncia de estudantes brasileiros, constatam que estes alunos produzem certas vogais do espanhol de forma nasalizada, sendo que o espectro das mesmas vogais produzidas por falantes hispânicos se mostra isenta de nasalidade. Isto é, em palavras como “mañana”, a contaminação nasal se estende aos segmentos vocálicos na pronúncia de cariocas, conforme o trabalho “Dificultades de estudiantes cariocas en producir sonidos

vocálicos del español como lengua extranjera” apresentado no V Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, realizado em Florianópolis em 1995.

Em meio de palavra, a consoante nasal assimila o ponto de articulação da consoante que lhe segue, em processo de assimilação regressiva: “bomba” – [‘bomba] - /’boNba/, “tanto” – [‘tanto] - /’taNto/, “poncho” – [‘po o] - /’poN o/, “tango” – [‘ta go] - /’taNgo/. Em tais vocábulos, a nasal se pronuncia como bilabial, dental, palatal, e velar, respectivamente, mas como não há oposição significativa, tal distinção não se faz pertinente.

Em diferentes posições, o que se dá é o segmento vocálico oral ser seguido por nasal. Por essa razão, estudos como de Masip (1998), Quilis (1975) são unânimes em reconhecer um sistema vocálico composto de cinco elementos orais / i, e, a, o, u /, sendo tais vogais seguidas de consoante nasal em palavras espanholas específicas.

### **3.8. Ditongo**

Em espanhol, os ditongos são definidos por Quilis & Fernández (1975:65), como:

*“La existencia de dos vocales en la misma sílaba constituye un diptongo. Una de estas vocales presenta la mayor abertura, la*

*mayor energía articulatoria, y constituye el centro o núcleo silábico...”*

Classificam-se os ditongos em crescente e decrescente.

### **3.8.1. Ditongo crescente**

É caracterizado pela vogal que ocupa o núcleo silábico e outra vogal numa posição secundária. A vogal mais fechada recebe o nome de semiconsoante.

Em espanhol, de acordo com Quilis e Fernández (1975:64), há oito ditongos crescentes que são:

- 1) [ a] - “hacia” – [‘aè a] - /’aèya/
- 2) [ e] – siete – [‘s ete] - /’syete/
- 3) [ o] radio – [‘àa ð o] - /’radyo/
- 4) [ u] ciudad – [è u’ðað] ~ [s u’ðað] - /èyu’daD/
- 5) [ a] agua - [‘a a] - /’agwa/
- 6) [ e] cuerda – [‘k erða] - /’kweRda/
- 7) [ i] ruido – [‘à iðo] - /’rwido/
- 8) [ o] arduo – [‘arð o] - /’ardwo/

### **3.8.2. Ditongo decrescente**



São considerados ditongos decrescentes encontros vocálicos em que a vogal que é o núcleo silábico está situada na primeira posição e a vogal mais fechada ocupa uma posição secundária, também denominada semivogal.

Em castelhano existem seis ditongos decrescentes:

- 1) [a ] baile – [‘ba le] - /’bayle/
- 2) [e ] peine – [‘pe ne] - /’peyne/
- 3) [o ] boina – [‘bo na] – / ‘boyna/
- 4) [a ] aula – [‘a la] - /’awla/
- 5) [e ] reunión – [æ ’nyon] - /æw’nyoN/
- 6) [o ] bou – [‘bo ] - /’bow/ (“embarcación propia del mediterraneo”).

Quilis & Fernández consideram que as vogais assilábicas aqui representadas por [ ] e [ ] são meros alofones posicionais dos fonemas / i / e / u /. Portanto essa distinção é puramente fonética e indicadora da posição antes ou depois da vogal. Fonologicamente, não há distinção, são consideradas como vogais na estrutura silábica e representados como / y / e / w /.

### 3.8.3. Tritongo

São denominados tritongos a pronúncia de três vogais na mesma sílaba e fonologicamente serão transcritos da seguinte forma / yay /, / yey/, / way/, / wey /.

Assim como nos ditongos a vogal mais aberta é a que forma o núcleo silábico e possui maior energia articulatória. As outras duas vogais serão foneticamente semiconsoante se estiverem depois da vogal, ou semivogal antes da vogal. Vejam-se os exemplos

Buey – [‘b e ] - /’bwey/

Sentenciéis – [senten’è e s] - /seNteN’èyeys/.

## **CAPÍTULO IV - COMPARAÇÃO FONOLÓGICA ESPANHOL – PORTUGUÊS**

### **4.1. Comparação do sistema consonantal em espanhol e português.**

Depois de estabelecidos os fonemas vocálicos e consonantais do português e espanhol podemos observar que cada língua, apesar das semelhanças, não apresentam as mesmas unidades, nem a mesma alofonia.

Os fonemas fricativo do português / v, , z / não ocorrem em espanhol.

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ v /	vela	[‘v l ]	/ ’v la /
/ /	chave	[‘ av ]	/ ’ avI /
/ /	janta	[‘ ãt ]	/ ’ ãta /
/ z /	Zebra	[‘zebr ]	/ ’zebra /

Os fricativos e africados surdos do espanhol / è, , x / não ocorrem em português.

A consoante / è / é uma fricativa interdental surda que é típica da pronúncia espanhola, sendo substituída na América pela pronúncia [s] que caracteriza o “*seseo*” americano em oposição ao “*ceceo*” espanhol.

Assim temos:

Na Espanha: hacer - [a’èer] - / a’èer /

cena - [‘èena] - / ’èena /

Na América: hacer – [a’ser] - / a’èer /

cena – [‘sena] - / ‘èena /

O fonema espanhol / / como em “chico” - [‘ iko]- / ’ iko /, “leche” – [‘le e] - / ’le e / equivale à pronúncia africada palatal surda que, em português, é uma das manifestações do fonema oclusivo /t/ que, diante da vogal anterior /i/, se realiza como [ ] em português, como em “time” - [‘ ime]- / ’ ime /.

Há o processo de vocalização em português do / l / que se realiza como [ ɫ ], em posição final de sílaba. A palavra “calda” pode ser pronunciado em forma de [ˈka d ɫ ], assim como [ka d ɫ ], com a velarização da lateral, a depender do dialeto do português. Essa variação é geográfica, e representa um fenômeno fonético que ocorre diferentemente em espanhol.

Analisando os fonemas consonantais oclusivos do espanhol - /b/, /d/, /g/ - apresentam alofonia posicional de acordo com sua distribuição na sílaba. Esses fonemas em posição pré-vocálica realizam-se oclusivamente como bilabial em “bomba” – [ˈbomba] - /ˈboNba/; dental em “dando” – [dando] - /ˈdaNdo/ e velar em “tango” – [ˈtaŋgo] - /ˈtaNgo/.

Porém esses mesmos fonemas realizam-se foneticamente com o alofone posicional fricativo bilabial sonoro [ɸ], fricativo interdental sonoro [ð̪] e fricativo velar sonoro [ŋ̞], como nos exemplos “caballo” – [kaˈβaˈlo], “dedo” – [ˈdeðo] e “alga” – [ˈalga].

O fonema fricativo labiodental sonoro /v/ do português não ocorre em espanhol, assim “vinho” em espanhol corresponde à palavra “vino”, pronunciada como [ˈbino]. De acordo com Quilis & Fernández (1975:94):

*“El español conoció en otros tiempos la correspondiente labiodental fricativa sonora /v/, que perdió a principios de la Edad Moderna. Por ello, la pronunciación de la consonante [v] es un fenómeno de ultracorrección”.*

Resumimos assim o quadro comparativo dos fonemas em português e espanhol, em que a grafia em negro corresponde aos fonemas comuns às duas línguas, os elementos reproduzidos em verde são exclusivos do português e em vermelho do espanhol.

	<i>BILABIAL</i>		<i>LABIO DENTAL</i>		<i>LINGUO DENTAL</i>		<i>INTER DENTAL</i>		<i>ALVEOLAR</i>		<i>PALATAL</i>		<i>VELAR</i>	
	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>	<i>SR</i>	<i>SN</i>
<i>OCCLUSIVA</i>	<b>p</b>	<b>b</b>			<b>t</b>	<b>d</b>							<b>k</b>	<b>g</b>
<i>FRICATIVA</i>			<b>f</b>	<b>v</b>			<b>ç</b>		<b>s</b>	<b>z</b>			<b>x</b>	
<i>AFRICADA</i>														
<i>NASAL</i>		<b>m</b>				<b>n</b>								
<i>LATERAL</i>										<b>l</b>				
<i>VIBRANTE SIMPLES</i>														
<i>VIBRANTE MÚLTIPLA</i>										<b>r</b>				

## 4.2. Comparação entre o sistema vocálico em espanhol e português

O espanhol possui um sistema de cinco vogais orais e o português possui sete:

Espanhol / i, e, a, o, u /

Português / i, e, , a, , o, u /

O sistema de cinco fonemas vocálicos do espanhol se mantém o mesmo nas posições tônica, átona e átona final de palavra. No português, o sistema vocálico varia a depender da posição acentual.

Um falante nativo do português não precisa aprender nenhuma vogal nova ao estudar espanhol. O sistema do português contém as cinco do espanhol. Mas o falante nativo do espanhol, ao aprender o português, terá que aprender a fazer distinções que não existem em seu sistema vocálico, já que / / e / â / não existem em seu repertório fonológico. Estas vogais serão substituídas na fala por [o] e [e], segundo a análise em lingüística aplicada do professor Vandresen (1988:78):

“café” – [ ka'fe ] em vez de [ ka'fâ ]

“cipó”- [ si'po ] em vez de [ si'p ]

Mattoso Câmara (1971:20) observa:

*“Os falantes da língua espanhola têm uma grande dificuldade diante do português falado, justamente por causa da variada gama dos nossos timbres vocálicos, em contraste com a relativa*

*simplicidade e consistência do sistema vocálico espanhol. Portugueses e brasileiros, ao contrário, acompanham razoavelmente bem o espanhol falado, porque defrontam com um jogo de timbres vocálicos muito menor e muito menos variável que o seu próprio.”*

No quadro a seguir, apresentamos também em verde as unidades exclusivas ao português, e fonemas comuns às duas línguas, com a advertência que a distribuição destes segmentos depende da posição em cada língua.

**VOGAIS DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL**

		ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA		i		u
MÉDIA	FECHADA	e		o
MÉDIA	ABERTA			
BAIXA			a	

**VOGAIS NASAIS DO PORTUGUÊS**

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA			
MEDIA			õ
BAJA		ã	

## CAPÍTULO V - SÍLABA

*“ A estrutura fonêmica da sílaba se determina por um conjunto de regras, e cada seqüência se baseia na recorrência regular desse modelo construtivo.” Jakobson (1967:115)*

### 5.1. Introdução

De acordo com Gili Gaya (1966), Câmara Jr. (1977), o falante nativo, mesmo desconhecendo as regras de formação silábica, tem, grande parte das vezes, consciência do número de sílabas existente na cadeia fônica.

A cadeia sonora da fala é orientada por certos mecanismos que agrupam segmentos consonantais e vocálicos e determinam a organização



das seqüências sonoras de uma determinada língua. Os falantes da língua materna conseguem intuitivamente reconhecer seqüências sonoras que são permitidas ou excluídas em sua língua. Ou seja, seqüências sonoras possíveis em uma determinada língua podem ser excluídas em outras.

De acordo com Silva (1999: 76):

*“segmentos consonantais e vocálicos são distribuídos na estrutura silábica das línguas determinando as palavras bem formadas naquela língua e excluindo palavras mal formadas”.*

Masip (1998:16) conceitua sílaba de acordo com Trubetzkoy como:

*“do ponto de vista puramente fonético, é uma combinação de vogais, de consoantes e de elementos rítmico-melódicos de caráter prosódico; do ponto de vista fonológico, é uma unidade composta de centro, que normalmente é constituído por uma vogal, e margens.”*

A sílaba como unidade fonológica se cria pela íntima concatenação dos fonemas na corrente da fala, é uma unidade funcional, e é ela que define a função de cada fonema dentro da enunciação.

Acrescenta Gili Gaya (1966:93):

*“ni la sílaba se concibe sin fonemas, ni estos son pronunciables más que cuando, solos o agrupados , constituyen sílaba. Por esto la división en unidades silábicas es una condición fonética ineludible del lenguaje humano.”*

A estrutura fonológica da sílaba se determina por um conjunto de regras, e cada seqüência se baseia na recorrência regular desse modelo construtivo, ou seja, a ordenação dos fonemas vocálicos e consonantais. A sílaba pode se resumir a um único elemento vocálico ou conter fonemas consonânticos, ou seja, a vogal não pode ser omitida na sílaba. É o contraste entre vogal / consoante que torna proeminente as partes do *continuum*, conforme observa Jakobson (1967: 115).

A sílaba tem sido objeto de atenção dos lingüistas, porém, nem sempre há acordo em sua definição. A dificuldade em estabelecer um consenso entre as definições está justamente porque cada um escolhe um ponto de vista diferente para a sua definição, seja articulatorio, acústico, perceptivo ou funcional.

Quilis & Fernández (1975:135) reforçam a importância de seu estudo, já que:

*“La primera unidad superior al fonema, y que puede abarcar uno o varios es la sílaba. Su constitución, pero sobre todo su delimitación, es un problema que está casi sin resolver.”*

Entre os processos fonológicos há aqueles que ocorrem repetidamente em diversas línguas, enquanto outros processos têm uma distribuição extremamente limitada. A estrutura da sílaba é um desses processos que parece ser natural a várias línguas.

A sílaba é formada por um conjunto de fonemas responsáveis pela unidade de emissão da voz. Por essa razão, seu estudo constitui a parte inicial da pronúncia em estudos de línguas.

Mattoso Câmara (1980:69), além de afirmar que o falante tem consciência do número de sílabas da cadeia fônica, acrescenta que a estrutura da língua na mente infantil se baseia na sílaba.

Como a formação silábica é um dos processos iniciais na aquisição de uma língua, pretendemos verificar como os fonemas do espanhol e do português se ordenam de modo a constituir a sílaba e que regras fonológicas são adotadas nas duas línguas que, apesar de tão próximas, mantêm estrutura própria.

Em línguas ditas silábicas, como o espanhol e o português, há de se reconhecer a importância deste elemento na estruturação do vocábulo. Apesar das controvérsias sobre a categorização das línguas entre silábicas e acentuais, o conceito de sílaba é foneticamente relevante na compreensão

da produção em línguas como as nossas. Por essa razão, Gili Gaya (1966:93) em seu livro Elementos de fonética general postula:

*“...la sílaba no es sólo la unidad fonética inmediatamente inferior al grupo fónico, sino que es, además, la unidad fonética más pequeña en que se divide el habla real”.*

Quilis & Fernández (1975: 135) postulam que na formação da sílaba há três fatores a serem observados: o primeiro é a fase da explosão, a segunda fase culminante ou central, conhecida como núcleo silábico, e, por fim, a terceira conhecida como implosão.

Mattoso Câmara (1970: 26) postula que a estruturação silábica depende do ápice constituído por uma vogal e do possível aparecimento de uma fase crescente que resulta em uma sílaba do tipo consoante – vogal (CV) e de uma fase decrescente que resultará em vogal – consoante (VC).

Para ambos, a vogal será sempre o núcleo e as consoantes são opções que poderão formar as margens silábicas: colocando-se à esquerda a margem será pré-vocálica, e à direita a consoante será pós-vocálica.

Uma sílaba será formada por um núcleo constituído pelo elemento mais sonoro, ocupado por uma vogal (V). As consoantes (C) ocorrem antes ou depois do elemento mais sonoro. Daí resulta o tipo silábico adotado universalmente pelas línguas: CV.

Da mesma forma, Jakobson (1967:133) diz que:

*“muitas línguas carecem de sílaba sem consoante prevocálica, ou com consoante posvocálica, ou com uma e outra, CV (consoante + vogal) é o único modelo verdadeiramente universal”.*

## **5.2. Estrutura silábica**

O tema de nossa pesquisa é saber como as línguas portuguesa e espanhola fazem uso da sílaba e qual sua estrutura. Baseando-se nas afirmações de Mattoso e Quilis, a língua pode adotar basicamente quatro estruturas básicas:

- 1) V – sílaba simples
- 2) VC – sílaba fechada ou travada (falta o aclave).
- 3) CV – sílaba complexa, aberta ou livre (falta o declive)
- 4) CVC – sílaba completa com aclave e declive, fechada ou travada.

Português e espanhol mostram tendência às sílabas abertas CV, ou seja, predomina o final da sílaba em vogal, porém as sílabas travadas ou fechadas também ocorrem nestas línguas. Além das quatro estruturas, temos outras combinações nas duas línguas.

Sendo assim chegamos aos padrões silábicos que podem estruturar a sílaba. Contudo, em nossa análise como optamos por interpretar a vogal assilábica como vogal e não como consoante na parte periférica da sílaba podemos acrescentar mais padrões: Vv, CVv, CvV, CVvC, CCVv, VvC, CCVvC.

A vizinhança idiomática entre português e espanhol possibilita o estabelecimento de comparações entre as duas línguas na estruturação da sílaba, conforme tratamos a seguir.

### 5.3. SÍLABA EM PORTUGUÊS

A sílaba é um conjunto de fonemas responsáveis pela unidade de emissão da voz. O português permite nove tipos de sílabas tratados a seguir:

#### **1) Tipo silábico – V**

O elemento vocálico é o que realmente estrutura a sílaba. Em espanhol e português não pode haver sílaba sem a presença de vogal.

A estrutura V em português pode conter as sete vogais orais

/i, , e, a, o, , u/.

O conjunto de um só fonema: uma vogal V.

<b>SÍLABA V</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
ave	[‘av ]	/ ‘avI /
eco	[‘ k ]	/ ‘ kU /
igreja	[i’g e ]	/i’gre a/
osso	[‘os ]	/ ‘osU /
obra	[‘ b ]	/ ‘ bra /
uva	[‘uv ]	/ ‘uva /
beata	[be’at ]	/be’ata/
sueco	[su’ ko]	/su’ kU/
saída	[sa’id ]	/sa’ida]
cooperar	[koope’rar]	/koope’raR/
tapioca	[tapi’ k ]	/tapi’ ka/
saúde	[sa’u ]	/sa’udI /

Consideramos a seguir os segmentos consonantais cuja ocorrência é opcional na estrutura da sílaba em português. As consoantes compõem a parte periférica da sílaba podendo ser pré-vocálica, quando ocorrem antes da vogal, ou pós-vocálica, quando ocorrem depois da vogal.

## 2) Tipo silábico – CV

Para a estrutura CV, os fonemas consonantais pré-vocálicos são dezoito, e podem ocupar a posição de início de sílaba inicial de palavra. Em meio de palavras, esse conjunto é acrescido de um elemento /  $\text{r}$  / - vibrante fraca - que não ocorre em início de vocábulo.

/p, b, t, d, k, g, f, v, s, z,  $\text{ʃ}$ ,  $\text{ʒ}$ , r, m, n,  $\text{ɲ}$ , l,  $\text{ɫ}$  /.

O conjunto de dois fonemas: uma consoante e uma vogal *CV*.

<b>SÍLABA: CV</b>					
<b>Representação</b>					
Ortográfica	Fonética	Fonológica	Ortográfica	Fonética	Fonológica
pato	[ˈpat ]	/ˈpatU /	capa	[ˈkap ]	/ˈkapa/
bala	[ˈbal ]	/ˈbala /	cabo	[ˈkab ]	/ˈkabU/
taco	[ˈtak ]	/ˈtakU /	cata	[ˈkat ]	/ˈkata/
dado	[dad ]	/ˈdadU /	dedo	[ˈded ]	/ˈdedU/
casa	[ˈkaz ]	/ˈkaza /	saca	[ˈsak ]	/ˈsaka/
gato	[gat ]	/ˈgatU /	trago	[ˈt ag ]	/ˈtragU/



faca	[‘fak ]	/’faka /	mofo	[‘mof ]	/’mofU/
vaso	[‘vaz ]	/’vazU /	cava	[‘kav ]	/’kava/
sapo	[‘sap ]	/’sapU /	caça	[‘kas ]	/’kasa/
zebra	[‘zeb ]	/’zebra /	asa	[‘az ]	/’aza/
xícara	[‘ ika ]	/’ ikara /	acho	[‘a ]	/’a U/
janela	[ a’n l ]	/ a’nãla /	aja	[‘a ]	/’a a/
rico	[‘rik ]	/’rikU /	carro	[‘kar ]	/’karU/
mala	[‘mal ]	/’mala /	cama	[‘kãma]	/’kama/
nada	[‘nad ]	/’nada /	cana	[‘kãn ]	/’kana/
*nhoque	[‘ k ]	/’ kI /	ninho	[‘ni ]	/’ni U/
lata	[lat ]	/’lata /	cala	[‘kal ]	/’kala/
*lhama	[‘ am ]	/’ ama /	alho	[‘a ]	/’a U/
*	*	*	maré	[ma’ ]	/’ma /

Observa-se também a dificuldade de encontrar em posição inicial de palavra a ocorrência dos fonemas / / e / / já que são poucos os casos

em português, exceto os empréstimos, como “lhama” e “nhata”, segundo Mattoso Câmara (1977: 76).

### **3)Tipo silábico – VC**

Para a estrutura VC, as sete vogais ocorrem seguidas de arquifonemas / S, L, R /.

O conjunto de dois fonemas: uma vogal e uma consoante VC.

<b>SÍLABA: VC</b>					
<b>Representação</b>					
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>	<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
alto	[‘a t ] [‘a t ]	/ ‘aLtU /	roer	[ro’er]	/ ro’eR /
ermo	[‘erm ]	/ ‘eRmU /	leal	[le’aw], [le’a ]	/ le’aL /
isto	[‘ist ]	/ ‘iSto /	país	[pa’is] [pa’i ]	/ pa’iS /

Em relação a outros travadores, há problema sobre a inclusão de travadores fricativos e oclusivos como parte do tipo silábico VC, como em “afta”, “apto” e “absoluto”, devido às considerações seguintes.

Mattoso Câmara (1971:28) coloca que há a convenção ortográfica em separar as sílabas de palavras como: “apto”, “advogado”, “admitir”, “afta” em ap-to, ad-vo-ga-do, ad-mi-tir, af-ta, mas que na fala espontânea

acaba por realizar-se como: [‘ap t ], [a vo’gad ] assim como [adevo’gad ], [a m ’tir], [‘a-f t ]. Temos ainda “absoluto” - ab-so-lu-to que se realiza como [ab so’lut ]. Em linguagem coloquial, a estrutura do tipo VC se desdobra e se realiza como uma vogal seguida de sílaba simples VC = V + CV, quando o travador é oclusivo ou fricativo diferente de / s /.

Por essa razão, temos também que considerar, nesse caso, como travadores de uma estrutura do tipo VC os fonemas / p, t, d, b, f /.

<b><u>SÍLABA VC</u></b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
apto	[‘apt ] [‘ap t ]	/ ’aptU /
absoluto	[abso’l t ] [ab so’l t ]	/ abso’lutU /
admitir	[adm ’tir] [a m ’t r]	/ admi’tiR /
atmosfera	[atmos’f ] [a mos’f ]	/ atmoS’f ra /
afta	[‘aft ] [‘af t ]	/ ’afta /

#### 4) Tipo silábico – CVC

Para a estrutura CVC aparecem os fonemas / p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, , m, n, l, r / como consoante inicial de sílaba, com a restrição de / , / que não aparecem em início de palavra.

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ p /	parto	[‘part ]	/ ‘paRtU /
/ b /	balde	[‘ba ] [‘ba ]	/ ‘baLdI /
/ t /	tarde	[‘tar ]	/ ‘taRdI /
/d/	desde	[‘dez ]	/ ‘deSdI /
/ k /	casta	[‘kast ]	/ ‘kaSta /
/ g /	garfo	[‘garf ]	/ ‘gaRfU /
/ f /	falta	[‘fa t ] [‘fa t ]	/ ‘faLta /
/ v /	vasto	[‘vast ]	/ ‘vaStU /
/ s /	sexta	[‘sest ]	/ ‘seSta /
/ /	charme	[‘ arm ]	/’ armI/
/ /	jaspe	/’ asp ]	/’ aSpI /
/ m /	mascar	[mas’kar]	/ maS’kaR /
/ n /	nervo	[‘nerv ]	/’neRvU/
/ l /	largo	[‘larg ]	/’laRgU/
/ r /	risco	[‘risk ]	/’riSkU/

As consoantes pós-vocálicas são vibrantes, líquidas e fricativa / s /.

Ainda para as sílabas CVC há uma observação em relação às possibilidades de outros travadores / p /, / k / e / t /, referenciados em Mattoso Câmara (1970:57), referindo-se a vocábulos de origem erudita que só foram introduzidos através da língua escrita a partir do século XV, como empréstimos do latim clássico. São eles: “compacto”, “ritmo”, “rapto” que são considerados como sílabas fechadas por travadores oclusivos, cuja tradição aconselha a interpretação de “com-pac-to”, “rit-mo”, “rap-to”. A pronúncia brasileira, no entanto, altera a realização monossilábica em segmentos dissilábicos, convertendo “compacto” em [kõ'pak t ] - / kõ'pakto /, “ritmo” em [ 'ri m ] - / 'ritmo / e “rapto” em [ 'rap t ] - / 'rapto /. Tal manifestação transforma uma sílaba travada em duas sílabas do tipo CV.

### **5) Tipo silábico CCV**

Para a estrutura CCV, os fonemas / / e / l / são os segmentos possíveis de aparecer como a segunda consoante da sílaba.

As sílabas que apresentam duas consoantes pré-vocálicas são: / pr, pl, br, bl, tr, tl, dr, kr, kl, gr, gl, fr, fl, vr, vl /. Há algumas restrições para / tl / e / vr / que não ocorrem em início de sílaba início de palavra, e / dl / e / vl / que apresentam poucas ocorrências em palavras do português.

<b>Representação Ortográfica</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>
--------------------------------------	-----------------------------------	-------------------------------------

prato	[ 'p at ]	/ 'pratU /
planeta	[ pla'net ]	/ pla'neta /
braço	[ 'b as ]	/ 'brasU /
blusa	[ 'bluz ]	/ 'bluza /
trabalho	[ t a'ba ]	/ tra'ba U /
droga	[ 'd g ]	/ 'dr ga /
cravo	[ 'k av ]	/ 'kravU /
claro	[ 'kla ]	/ 'klarU /
gravata	[ g a'vat ]	/ gra'vata /
glacial	[ glas 'a ]	/ glasi'aL /
fraco	[ 'f ak ]	/ 'frakU /
floco	[ 'fl k ]	/ 'fl kU /

/ tɫ / e / vr / não aparecem em sílaba inicial de palavra mas em meio há dados, como podemos observar nos exemplos abaixo:

<b>Representação Ortográfica</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>
atlas	[ a'tlas ]	/ 'atlaS /
atletico	[ a'tl tɫk ]	/ a'tl tikU /
livro	[ 'livr ]	/ 'livrU /
aprazível	[ apra'zive ]	/ apra'ziveL /
aplaçar	[ apla'kar ]	/ apla'kaR /
abraço	[ a'bras ]	/ a'brasU /
emblema	[ 'blem ]	/ 'blema /
atrapalhar	[ atrapa' ar ]	/ atrapa' aR /

ladra	[ˈladr ]	/ ˈladra /
lacra	[ˈlacr ]	/ ˈlakra /
aclamar	[aklaˈmar]	/ aklaˈmaR /
agracia	[agras ˈar]	/ agrasiˈaR /
aglutinar	[aglu ˈIˈnar]	/ aglutiˈnaR /
enfraquecer	[ ˈfrakeˈser]	/ ˈfrakeˈseR /
camuflar	[kamuˈflar]	/ kamuˈflaR /

Para essa estrutura, cria-se novamente outro problema às vezes esquecido pelas gramáticas. Na escrita podemos encontrar como segunda consoante / s /, / p / e / t / em palavras como: “psicose”, “ptose” (significa “queda”, em linguagem científica), e “ctônio” (cujo sentido é “nascido da terra”). Por convenção ortográfica, tais vocábulos se explicam como introduzidos pela sílaba CCV, de “psi-co-se”, “pto-se”, “ctô-nio”. No entanto, Mattoso Câmara (1970:57) menciona que na linguagem coloquial brasileira tal sílaba se desdobra, fazendo que CCV se converta em CV + CV. Desta forma, “psicose” se pronuncia como [p s ˈk z ], “ptose” como [p ˈt z ], e “ctônio”, como [k ˈton o]. Esta duplicação silábica não interfere, contudo, no número dos padrões silábicos, já que a sílaba complexa CCV é realizada como duas sílabas simples CV, por tendência fonética do português brasileiro, conforme mencionado anteriormente.

Para as estruturas do tipo CCVC e CVCC parecem ser de número pouco expressivo no português. Esses tipos silábicos serão listados abaixo.

## **6) Tipo silábico CCVC**

O conjunto de quatro fonemas: duas consoantes, uma vogal e uma consoante.

<b>SÍLABA: CCVC</b>					
<b>Representação</b>					
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>	<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
préstimo	[ˈpr s m ]	/ˈpr StimU/	compras compraz	[ˈkõpras] [kõˈpras]	/ˈkõpraS / / kõˈpraS /
traz	[ˈtras]	/ˈtraS /	atrás	[aˈtras]	/aˈtraS/
cruz	[ˈkrus]	/ˈkruS/	encrespar	[ kresˈpar]	/ kreSˈpaR/

## **7) Tipo silábico CVCC**

O conjunto de quatro fonemas: uma consoante, uma vogal e duas consoantes.

São em número reduzido os exemplos de sílaba com dois travadores silábicos em português, resumidos no quadro a seguir.

<b>SÍLABA: CVCC</b>
<b>Representação</b>



<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
solstício	[so s' s u]	/ soLS'tisyU /
perspectiva	[perspek ' iva]	/ peRSpek'tiva /

Novamente surge a necessidade de voltar ao fenômeno outras vezes observado da duplicação silábica. Desta feita, a palavra “perspectiva”, além da sílaba inicial CVCC, apresenta na sílaba seguinte a construção CVC, que na fala habitual se desdobra em CV – CV, dada a tendência de pronúncia em transformar a sílaba travada por oclusiva em duas sílabas abertas. Há outros, como: “compacto”, “ritmo”, “rpto”, tratados anteriormente.

### **8) Tipo silábico Vv**

Aceitamos os ditongos crescentes ou decrescentes como sendo um conjunto de duas vogais na mesma sílaba.

<b>SÍLABA: Vv</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
ai	[ 'a ]	/ 'ay /
ao	[ 'a ]	/ 'aw /

## 9) Tipo silábico VvC

O conjunto de três fonemas: duas vogais e uma consoante.

<b>SÍLABA: VvC</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
aos	[‘a s]	/’awS/
leais	[le’a s]	/le’ayS/

## 10) Tipo silábico CVv

O conjunto de três fonemas: uma consoante e duas vogais equivale à consoante seguida de ditongo.

<b>SÍLABA: CVv</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
pai	[‘pa ]	/’pay/
sou	[‘so ]	/ ’sow /
lei	[‘le ]	/ ’ley /
mau	[‘ma ]	/ ’maw /
mão	[mã ]	/ ’mãw /

## 11) Tipo silábico CvV

O conjunto de três fonemas: uma consoante e duas vogais equivale à consoante seguida de ditongo.

<b>SÍLABA: CvV</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
série	[‘s r e]	/ ‘s rye /
séria	[‘s r a]	/ ‘s rya /
árdua	[‘ard a]	/ ‘ardwa /

## 12) Tipo silábico CVvC

O conjunto de quatro fonemas: uma consoante, duas vogais e uma consoante.

<b>SÍLABA: CVvC</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
pais	[‘pa s]	/ ‘payS /
pães	[‘pã s]	/ ‘pãyS /
leis	[‘le s]	/ ‘leyS /
maus	[‘ma s]	/ ‘mawS /
mãos	[‘mã s]	/ ‘mãwS /

### **13) Tipo silábico CCVv**

O conjunto de quatro fonemas: duas consoantes e duas vogais.

<b>SÍLABA: CCVv</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
grau	[ 'gra ]	/ 'graw /
grão	[ 'grã ]	/ 'grãw /
flauta	[ 'fla t ]	/ 'flawta /
pneu	[ 'pne ]	/ 'pnew /

A observação de Mattoso Câmara sobre a tendência da fala brasileira em duplicar sílabas complexas pela inclusão de uma vogal faz-se necessária outra vez em vocábulos como “pneu”, “pneumonia”. O encontro consonantal inicial se desfaz pelo acréscimo de uma vogal. Em lugar de [ 'pne ] se diz [ p 'ne ], em desdobramento que simplifica a estrutura silábica CCVv, em uma sílaba CV – CVv.

### **14) Tipo silábico CCVvC**

O conjunto de cinco fonemas: duas consoantes, duas vogais e uma consoante.

<b>SÍLABA: CCVvC</b>
----------------------

<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
claustro	[ˈkla str ]	/ˈklawStro/
Fleugma*	[ˈfle gma]	/ˈflewgma /

Usamos o asterisco na palavra “fleugma”, pois observa-se na fala natural a pronúncia de [ˈfle g m ]. Nesse caso ocorre o desdobramento de duas sílabas abertas CCVv e CVv, conforme observação sobre sílabas complexas mencionado nos itens anteriores.

## **5.4. SÍLABA EM ESPANHOL**

### **5.4.1. Introdução**

*“ La sílaba es la base para el desarrollo de una buena pronunciación en español ya que casi todos los procesos fonológicos...dependen de una*

*manera u otra de la estructura de la sílaba”.*  
*Barrutia & Schwegler (1994:1)*

Quilis & Fernández (1975:139) introduzem tal tema afirmando:

*“Conforme su capacidad de poder constituir sílabas o no, los fonemas españoles se pueden clasificar en: silábicos (vocales) y no silábicos (consonantes): las consonantes nunca pueden formar núcleo silábico, mientras las vocales pueden ser núcleos.”*

As consoantes compõem a parte periférica da sílaba podendo ser pré-vocálica, quando ocorrem antes da vogal, ou pós-vocálica, quando ocorrem depois da vogal.

Baseado em Quilis & Fernández (1975:139) temos:

*“La clasificación tipológica de las sílabas españolas en orden de mayor a menor frecuencia, se estructura de la siguiente manera: CV (consonante – vocal), CVC (consonante- vocal- consonante), V (vocal), CCV; VC, CCVC, VCC, CVCC y CCVCC, o bien cuando el núcleo silábico lo conforma un diptongo, en CD (consonante- diptongo), CDC, CCD, D, CCDC, DC..”*

## **1) Tipo silábico V**

As cinco vogais do espanhol / i, e, a, o, u / podem estruturar a sílaba V.

Conjunto de um só fonema: uma vogal.

<b>SÍLABA: V</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
abre	[‘aâre]	/ ‘abre /
eco	[‘eko]	/ ’eko /
iglesia	[i’ les a]	/ i’glesya /
hora	[‘ora]	/ ’ora /
uva	[‘uâa]	/ ’uba /
lea	[‘lea]	/’lea/
ríe	[‘rie]	/’rie/
leí	[le’i]	/le’i/
veo	[‘beo]	/’beo/

## **2) Tipo silábico CV**

Para a estrutura CV, os fonemas consonantais pré-vocálicos são dezessete / p, b, t, d, k, g, f, ç, s, x, m, n, ã, ã, l, ã, /, e podem começar palavra. Em meio de palavra, acresce-se o fonema vibrante simples a esse inventário, conforme mostramos a seguir.

Conjunto de dois fonemas: uma consoante e uma vogal.

Fonemas	Representação Ortográfica	Representação Fonética	Representação Fonológica
/ p /	pino	[‘pino]	/’pino/
/ b /	bote	[‘bote]	/’bote/
/ t /	tapa	[‘tapa]	/’tapa/
/ d /	dedo	[‘deðo]	/dedo/
/ k /	kilo	[‘kilo]	/’kilo/
/ g /	gasa	[‘gasa]	/’gasa/
/ f /	fino	[‘fino]	/’fino/
/ è /	cima	[‘èima] ~ [‘sima]	/’èima/
/ s /	seda	[‘seða]	/’seda/
/ x /	gente	[‘xente]	/’xeNte/
/ /	chico	[‘ iko]	/’ iko/
/ m /	mano	[‘mano]	/’mano/
/ n /	niño	[‘ni o]	/’ni o/
/ /	ñandú	[ an’du]	/’ aNdu/
/ l /	lobo	[‘loão]	/’lobo/
/ /	llamar	[‘ amar]	/ a’maR/
/ r /	*	*	*
/ à /	rama	[‘àama]	/’àama/

\* Há que ressaltar que a vibrante simples /r/ não ocorre em início de sílaba início de palavra em espanhol.

### 3)Tipo silábico VC

O conjunto de dois fonemas: uma vogal e uma consoante.

SÍLABA: VC		
Representação		
Ortográfica	Fonética	Fonológica
hasta	[‘asta]	/’asta/



harta	[ 'arta]	/ 'aRta/
alto	[ 'alto]	/ 'alto]
anda	[ 'anda]	/ 'aNda/
acto	[ 'akto]	/ 'aGto/
absoluto	[abso' luto]	/aBso' luto/

#### **4) Tipo silábico CVC**

O conjunto de três fonemas: uma consoante, uma vogal e uma consoante.

<b>SÍLABA: CVC</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
canta	[ 'kanta]	/ 'kaNta/
carta	[ 'karta]	/ 'kaRta /
filtro	[ 'filtro]	/ 'filtro/
casta	[ 'kasta]	/ 'kasta/
vodka	[ 'bodka]	/ 'boDka/
reloj	[æ' lox]	/æ' lox/
album	[ 'alâum]	/ 'albuN/
coñac	[ko' ak]	/ko' aG/
ciudad	[èi ' ðað]	/èiw' daD/

carácter	[ka'rakter]	/ka'raGter/
----------	-------------	-------------

## 5) Tipo silábico CCV

O conjunto de três fonemas: duas consoantes e uma vogal.

Na posição inicial de palavra o espanhol admite alguns grupos

consonantais: / pr, br, fr, tr, dr, kr, gr, pl, bl, fl, kl, gl /

<b>Representação Ortográfica</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>
prado	[ˈpraðo]	/ ˈprado /
brazo	[ˈbrae̞o] ~ [ˈbraso]	/ ˈbrae̞o /
frase	[ˈfrase]	/ ˈfrase /
trajo	[ˈtraxo]	/ ˈtraxo /
dragón	[draˈoŋ]	/ draˈgoN /
cruce	[ˈkru̞e̞] ~ [ˈkruse]	/ ˈkru̞e̞ /
grabar	[graˈβaɾ]	/ graˈbaR /
plato	[ˈplato]	/ ˈplato /
blusa	[ˈblusa]	/ ˈblusa /
flaco	[ˈflako]	/ ˈflako /
clavel	[klaˈβel]	/ klaˈbel /
glacial	[glaˈβe̞al]	/ glaˈɛ̞yal /

Em posição medial de palavra, temos os mesmos doze conjuntos consonantais acrescidos de / tɫ / representados ortograficamente como: pr, br, tr, dr, cr, gr, fr, pl, bl, tɫ, cl, gl, fl.

<b>Representação Ortográfica</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>
empresa	[em'presa]	/ 'eNpresa /
abraço	[a'âraço]	/ a'braço /
retraso	[re'traso]	/ re'traso /
pedreira	[pe'dreira]	/ pe'dreira /
recrudescer	[rekruðe'èer]	/ rekrude'èeR /
agradecer	[agraðe'èer]	/ agrade'èeR /
ofrecer	[ofre'èer]	/ ofre'èeR /
emplumar	[emplu'mar]	/ eNplu'maR /
estabelecer	[estaâle'èer]	/ estable'èeR
atleta	[a'tleta]	/ a'tleta /
reclamar	[rekla'mar]	/ rekla'maR /
englobar	[e glo'âar]	/eNglo'baR /
reflejar	[æfle'xar]	/ æfle'xaR /

## **6) Tipo silábico CCVC**

O conjunto de quatro fonemas: duas consoantes, uma vogal e uma consoante.

<b>SÍLABA: CCVC</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>

crystal	[kris'tal]	/ kris'tal /
traslucir	[traslu'èir]	/ traslu'èir /
préstamo	[ 'prestamo]	/ 'prestamo /
transcripción	[transkrip'è on]	/ traNskriB'èyoN /
atlántico	[a'tlantiko]	/ a'tlaNtiko /

## **7) Tipo silábico VCC**

O conjunto de três fonemas: uma vogal e duas consoantes.

<b>SÍLABA: VCC</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
instrumento	[instru'mento]	/iNstru'meNto/
instante	[ins'tante]	/iNs'taNte/

## **8) Tipo silábico CVCC**

O conjunto de quatro fonemas: uma consoante, uma vogal e duas consoantes.

<b>SÍLABA: CVCC</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>

solsticio	[sols'tiè o]	/sols'tièyo/
perspicaz	[perspi'kas]	/perspi'kas/
construcción	[konstruk'è on]	/koNstruG'èyoN/
constante	[kons'tante]	/ koNstaNte /

O espanhol admite sílaba com dois travadores silábicos, sendo um nasal seguido de fricativo.

### **9) Tipo de sílaba CCVCC**

O conjunto de cinco fonemas: duas consoantes, uma vogal e duas consoantes.

<b>Sílaba: CCVCC</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
transporte	[trans'porte]	/ traNS'poRte/
transcripción	[transkrip'è on]	/traNskriB'èyoN/

### **10) Tipo de sílaba Vv**

O conjunto de dois fonemas: um ditongo.

<b>SÍLABA: Vv</b>
<b>Representação</b>

Ortográfica	Fonética	Fonológica
aire	[‘a re]	/ ‘ayre /
hoy	[‘o ]	/ ‘oy/
hielo	[‘ elo]	/ ‘yelo/
hay	[‘a ]	/ ‘ay/

### **11) Tipo de sílaba VvC**

O conjunto de três fonemas: um ditongo e uma consoante.

<b>SÍLABA: VvC</b>		
<b>Representação</b>		
Ortográfica	Fonética	Fonológica
aislado	[a s’lado]	/ays’lado/
auspicio	[a spic o]	/aws’picyo/

### **12) Tipo de sílaba CVv**

O conjunto de três fonemas: uma consoante e um ditongo.

<b>SÍLABA: CVv</b>		
<b>Representação</b>		
Ortográfica	Fonética	Fonológica

ley	[ˈle ]	/ˈley/
reina	[ˈæ na]	/ˈreyna/
deuda	[ˈde ða]	/ˈdewda /

### **13) Tipo de sílaba CvV**

O conjunto de três fonemas: uma consoante e um ditongo.

<b>SÍLABA: CvV</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
hacia	[ˈaè a]	/ˈaèya /
radio	[ˈàa ð o]	/ˈàadyo /
agua	[a a]	/ˈagwa /
fiesta	[ˈf esta]	/fyesta/
siesta	[ˈs esta]	/ˈsyesta/

### **14) Tipo de sílaba CVvC**

O conjunto de quatro fonemas: uma consoante, um ditongo e uma consoante.

<b>SÍLABA: CVvC</b>
---------------------

<b>Representação</b>		
Ortográfica	Fonética	Fonológica
cantáis	[kan'ta s]	/kaN'tays/
européus	[e ro'pe s]	/ewro'pews/

### **15) Tipo de sílaba CCVv**

O conjunto de quatro fonemas: duas consoantes e um ditongo.

<b>SÍLABA: CCVv</b>		
<b>Representação</b>		
Ortográfica	Fonética	Fonológica
cláusula	['kla sula]	/'klausula/

### **16) Tipo de sílaba CCVvC**

O conjunto de cinco fonemas: duas consoantes, um ditongo e uma consoante.



<b>SÍLABA: CCVvC</b>		
<b>Representação</b>		
<b>Ortográfica</b>	<b>Fonética</b>	<b>Fonológica</b>
claustrofobia	[kla stro'fob a]	/klawstro'fobyɑ/

**CAPÍTULO VI – COMPARAÇÃO ENTRE AS  
SÍLABAS EM ESPANHOL E PORTUGUÊS**

No presente capítulo, realizaremos a comparação entre as estruturas silábicas do português e do espanhol. Serão consideradas as semelhanças e diferenças e as possíveis dificuldades que os falantes do português apresentam ao aprender espanhol, ou dos falantes de espanhol ao aprender português.

## 6.1. Comparação das estruturas silábicas

A partir das descrições realizadas nos capítulos precedentes, podemos comparar as estruturas silábicas do espanhol e português.

Os dois sistemas admitem tipos silábicos que vão da estrutura mais simples que é a vogal (V), à estrutura mais complexa.

Há que considerar que alguns padrões silábicos ocorrem em português e espanhol, mas outros parecem ser específicos de uma das línguas. Podemos observar no quadro seguinte.

<b>TIPO SILÁBICO</b>	<b>PORTUGUÊS</b>	<b>ESPAÑHOL</b>
V	X	X
CV	X	X
VC	X	X
CVC	X	X

CCV	X	X
CCVC	X	X
CVCC	X	X
VCC		X
CCVCC		X
Vv	X	X
VvC	X	X
CVv	X	X
CvV	X	X
CVvC	X	X
CCVv	X	X
CCVvC	X	X

A estrutura silábica em português admite catorze padrões que vão da estrutura mais simples de uma V até mais complexas como CCVvC. As estruturas travadas por consoante aparecem em número maior, porém o número de palavras na língua com sílaba travada é menos expressivo que as sílabas abertas.

O espanhol admite dezesseis padrões silábicos. Observamos no quadro acima que há dois padrões silábicos – VCC e CCVCC que não aparecem em português. A estrutura VCC em espanhol aparece sempre com dois travadores, sendo uma nasal representada pelo arquifonema nasal e uma fricativa alveolar. A outra estrutura inexistente em português – CCVCC – também apresenta dois travadores, formados de nasal seguida de

fricativa alveolar. Daí concluímos que o espanhol possui dois padrões silábicos a mais que o português.

O espanhol e o português têm uma clara tendência à sílaba aberta, ou seja, sílaba terminada em vogal, considerando a sílaba universal – CV.

Ex: “casa” – [‘kaz ] - /’kaza/, “mesa” – [‘mez ] - /’meza/ - português

“casa” – [‘kasa] - /’kasa/, “mesa” – [‘mesa] - /’mesa/ - espanhol

A questão teórica sobre considerar a vogal nasal como parte do sistema vocálico tem dividido a opinião dos lingüistas, pois há os que acham que a pronúncia nasalizada da vogal é foneticamente diversa nas duas línguas, e isto se mostra como um dos argumentos a favor da distinção entre fonemas vocálicos orais e nasais em português. Essa não é a opinião de Mattoso Câmara, pois para ele a vogal nasal se compõe de vogal oral seguida de consoante nasal. Embora ele não reconheça a vogal nasal como parte do sistema vocálico do português, nós consideramos a nasalidade uma característica que difere o sistema fonológico em espanhol e português.

Os autores aqui citados são unânimes em afirmar que a nasalidade não é traço característico relevante no sistema vocálico do espanhol. Assim temos o que diz Hora (2000:19):

*“En ese aspecto, la lengua española no presenta problemas, pues este rasgo no es pertinente para su sistema vocálico.”*

Outra diferença substancial, reconhecida por Mattoso Câmara como uma das dificuldades de um falante de espanhol ao defrontar-se com o português, reside no sistema vocálico. A variedade de timbre explica a diferença entre os dois sistemas. E como o sistema vocálico do português engloba / / e / /, isso dificulta a produção e recepção do português por falantes nativos do espanhol que não conseguem distinguir “avô” / a’vo / de “avó” / a’v /.

Em posição átona pré-tônica e pós-tônica, o sistema vocálico do espanhol se mantém o mesmo com apenas cinco vogais, e o do português reduz as realizações fonéticas, simplificando o quadro vocálico em razão do timbre.

Sobre o sistema consonantal, o português apresenta dezenove fonemas e o espanhol dezoito. O espanhol apresenta mais elementos surdos entre os fricativos e africados que o português. A língua portuguesa, além das fricativas surdas, reconhece as homorgânicas sonoras como elementos pertinentes. Por essa razão, os três fonemas fricativo sonoro: labiodental / v /, alveolar / z /, palatal / / e o palatal surdo / / fazem parte do repertório dos segmentos consonantais do português, sendo que não participam do inventário dos fonemas do espanhol.

Os fonemas do espanhol fricativos surdos interdental / è / e velar / x /, e a africada palatal sonora / / não são considerados unidades do sistema fonológico do português.

Os fonemas vibrantes / r / e / r / ocorrem em sílaba do tipo CV, mas não aparecem em início de sílaba em começo de palavra em nenhuma das duas línguas aqui estudadas.

O uso de / r / e / r / em começo de palavra é muito restrito, exceto em vocábulos estrangeiros. Encontramos no português oito exemplos de palavras começadas por / r /, como “nhá”, “nhandú”, “nhô”, etc. e oito exemplos de palavras iniciadas por / r / como em: “lhama”, “lhano”, “lhanura”, etc., conforme indica o Dicionário da língua portuguesa Larousse, de 1992. No espanhol, o número de / r / em estruturas do tipo CV em começo de palavras é reduzido. Encontramos apenas cinco exemplos no Diccionario escolar de la lengua española, da editora Santillana, de 2000, que são: “ñame”, “ñandú”, “ñoñez”, “ñoño” e “ñu”.

Em espanhol, o fonema / r / em começo de palavra, aparece em um número mais expressivo que em português. Segundo o mesmo dicionário, são trinta e três palavras que se iniciam por esta unidade fonológica, dentre as quais apresentamos: “llanto”, “llave”, “llegar”, “llorar”, “llover”, “lluvia”, etc.

Em português temos a presença de três arquifonemas em posição pós vocálica:

/ R / as variações da vibrante forte e fraca - “corda” - / 'k Rda /,

/ L / o processo de vocalização do / l / em [ l̥ ] e a velarização em [ l̠ ]  
“calda” - / 'kaLda /.

/ S / neutralização correspondente aos fonemas / s, z, , /

“rasga” - /'raSga/, “pasta” - /'paSta /,

Em espanhol consideramos dois arquifonemas, também em posição pós-vocálica:

/ N / neutralização dos fonemas / m, n, / - “gente” - /' xeNte /

/ R / as variações da vibrante simples e múltipla - “corto” - / 'koRto /

Há também três outros arquifonemas oclusivos em que o traço de sonoridade perde sua capacidade distintiva. São eles:

/ B / neutralização dos fonemas / b / e / p / em: “abside” - / 'aBside /,  
“capto” - / 'kaBto /

/ D / neutralização dos fonemas / t / e / d / em: “atmósfera” -  
/ aD'mosfera/, “admirable” - / aDmi'rable /

/ G / neutralização dos fonemas / g / e / k /.

“agnóstico” - / aG'nostico /, “actual” - / aGtu'al /.

O português brasileiro tende a duplicar sílabas travadas por oclusivas, transformando a sílaba complexa em duas sílabas simples.

ARQUIFONEMAS	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
/ N /		X
/ R /	X	X
/ S /	X	
/ L /	X	
/ B /		X
/ D /		X

/ G /		X
-------	--	---

O quadro acima mostra que apenas o arquifonema / R / é comum aos dois idiomas.

Para a estrutura do tipo CCV que ocorre em português e espanhol, há exceção para os encontros / vr /, /dl / que não encontramos exemplos em início de palavras e / vl / que aparecem com restrições em início de palavra.

Como finalização, cumpre ressaltar que o conhecimento de fonologia aqui exposto pretende participar da formação do professor e aluno de espanhol, falante de português, no sentido de que não transfira o sistema fonético e fonológico do português para a língua espanhola. O sentido inverso – isto é, ao aprendiz hispano falante de português – este resumido trabalho pretende prestar sua contribuição.

Com relação ao estudo proposto, devemos salientar que se trata de um trabalho teórico que teve como referência uma bibliografia determinada. As transcrições fonéticas aqui representadas não refletem coleta de dados. O corpus aqui usado baseia-se em buscas ao acervo bibliográfico.

Este estudo abre espaço para a abordagem de outros aspectos relacionados à sílaba e a experiência do professor em sala de aula serve para averiguar a veracidade das hipóteses aqui levantadas. Um estudo



empírico, por exemplo, completaria as suposições levantadas nesta análise, e serviria de amostra real das dificuldades do falante de português ao aprender espanhol.

## **BIBLIOGRAFIA**

**ALARCOS LLORACH**, Emilio. Gramática de la lengua española  
Madrid, Espasa Calpe, 1994.

\_\_\_\_\_. Fonología española. Madrid, Gredos,  
1968.

**ALBELDA**, Ana I. Iranzo & **LOZANO**, Francisco Milla & **LASPRA**,  
Pilar Olaortua. Lengua española para formación del profesorado.  
Madrid, Playor, 1986.

**AZEVEDO**, Milton M. A Contrastive Phonology of Portuguese and English. Washington, D.C. 1981.

**BARROS**. Luizete Guimarães, A nasalização vocálica e fonologia introdutória à Língua Katukina (Páno). Dissertação de mestrado. Campinas, 1987.

**BARRUTIA**, Richard & **SCHWEGLER**, Armin. Fonética y fonología españolas: teoría y práctica. New York, John Wiley & Sons, Inc. 1994.

**BISOL**, Leda. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.

**CALLOU**, Dinah & **LEITE**, Yonne. Iniciação à fonética e à fonologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

**REBOLLO COUTO**, Leticia. Rythme et mélodie de la parole en espagnol et en portugais du Brésil – Analyse acoustique de journaux télévisés. Tese de Doutorado, Institut de Phonétique de Strasbourg, 1999.

**REBOLLO COUTO**, Leticia & **STUCKENBRUCK**, Alberto. “Dificultades de esudiantes cariocas en producir sonidos vocálicos del español como lengua extranjera”. V Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol. Florianópolis. APEESC \_ UFSC, 1995.

**CRYSTAL**, David. Dicionário de lingüística e fonética. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

**FAVERI**, Cláudia Borges de & **PAGOTTO**, Emílo G. “Realização da vogal /i/ no dialeto de Florianópolis”. Artigo apresentado na ABRALIN, UFSC, 1999.

**GAYA**, Samuel Gili. Elementos de fonética general. Madrid, Gredos, 1966.

**GRÈVE**, Marcel de & **VAN PASSEL**, Frans. Lingüística e ensino de línguas estrangeiras. (Tradução de Genieve Mause). São Paulo, Biblioteca Pioneira de Lingüística Teórica e Aplicada, 1975.

**HERNANDORENA**, Carmen Lúcia Matzenauer. (org.). Aquisição de língua materna e de língua estrangeira – aspectos fonéticos e fonológicos. Pelotas – RS, EUCAT, 2001.

**HORA**, Adauto Felix. “Comparación fonológica del español y del portugués de Brasil”. In Anuario brasileño de estudios hispánicos. Embajada de España en Brasil, 2000, Brasília, p.15-29.

**HUMBOLDT**, Wilhelm von. Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad. Barcelona, Anthropos, 1990.

**ISTRE**, Giles Lothar. Fonologia transformacional e natural: uma introdução crítica. Florianópolis, Editora da UFSC, 1980.

**JAKOBSON**, Roman. Fonema e fonologia – Ensaios. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1967.

**KINDELL**, Gloria Elaine. Manual de exercícios para análise fonológica. Brasília, Summer Institute of Linguistic, 1976.

**LADO**, Robert. Introdução à lingüística aplicada. Petrópolis, Vozes, 1972.

**MASIP**, Vicente. Fonética espanhola para brasileiros. Recife, Sociedade Cultural Brasil – Espanha, 1998.

**MATTOSO CÂMARA JR**, J . Estrutura da língua portuguesa. São Paulo, Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. Problemas de lingüística descritiva, Petrópolis, Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1977.

\_\_\_\_\_. Princípios de lingüística geral. Rio de Janeiro, Padrão, 1980.

\_\_\_\_\_. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1985.

**MELLO**, Antonio Augusto Souza. Estudo histórico da família lingüística Tupi-Guarani – aspectos fonológicos e lexicais. Tese de doutorado, UFSC, Florianópolis, 2000.

**MIRANDA**, José Alberto. Usos coloquiales del español. Salamanca, Centro Internacional de Estudios del Español, 1992.

**MOUNIN**, Georges. Introdução à lingüística. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1968.

\_\_\_\_\_. Diccionario de lingüística. España, Editorial Labor, 1982.

**PAGEL**, Dario. “O ensino da língua estrangeira e o contexto brasileiro”. In: **DAMIANI COSTA**. Maria José, & **ZIPSER**. & outros (Orgs.) Línguas: ensino e ações. Florianópolis, NUSPPLE/DLLE/CCE, 2002.

**PIKE**, Kennet L. Ponhemics: a technique for reducing languages to writing. U.S.A. The University Michigan Press, 1976.

**QUILIS**, Antonio. El comentario fonológico y fonético de textos - teoría y práctica. Madrid, Arco/ Libros, 1997.

\_\_\_\_\_. Fonética acústica de la lengua española. Madrid, Gredos, 1981.

**QUILIS**, Antonio & **FERNÁNDEZ**, Joseph A. Curso de fonética y fonología españolas. Madrid, C.S.I.C., 1975.

**ROSETTI**, A. Introdução à fonética. Lisboa, Coleção Saber, 1960.

**SAUSSURE**, Ferdinand de. Curso de lingüística. São Paulo, Editora Cultrix, 1983.

**SCLIAR CABRAL**, Leonor. Introdução à lingüística, Porto Alegre, Editora Globo, 1974.

**SCHANE**, Sanford A. Fonologia gerativa. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1975.

**SCHMITZ**, John Robert. “Análise contrastiva”. In Tópicos de lingüística aplicada – o ensino de línguas estrangeiras. BOHN, Hilário. & VANDRESEN, Paulino. (org.). Florianópolis, Editora da UFSC, 1988, p. 95-116.

**SILVA**, Thais Cristóforo Fonética e fonologia do português – roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo, Contexto, 1999.

**SILVEIRA**, Regina Célia Pagliuchi. Estudo de fonética do idioma português. São Paulo, Cortez, Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, 1988.

\_\_\_\_\_. Estudos de fonologia do português. São Paulo, Cortez, Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, 1986.

**SOUZA**, Ana Cláudia de. Estrutura silábica do português brasileiro e do inglês americano: estudo comparativo. Florianópolis, Dissertação de Mestrado em Lingüística, UFSC, 1998.

\_\_\_\_\_. “Existência da vogal nasal em português.” In Revista de Ciências Humanas. UNESC, Criciúma, v.4, n.2, 1998. p.65 – 72.

**RIBEIRO**, João Carlos Wormsbecher. “A supressão do [y] no ditongo decrescente [ey] em Blumenau: uma análise variacionista.” In Revista de Divulgação Cultural. FURB, Blumenau, ano 23, nº 73 e 74, 2001, p.76-79.

**VANDRESEN**, Paulino. “Lingüística contrastiva e ensino de línguas estrangeiras.” In Tópicos de lingüística aplicada – o ensino de línguas estrangeiras. BOHN, Hilário. & VANDRESEN, Paulino. (org.) Florianópolis, Editora da UFSC., 1988, p. 75-94.

\_\_\_\_\_. “O vocalismo português: implicações teóricas”. In Revista Brasileira de Lingüística. 1975, p. 80-103.

**WEISS**, Helga Elisabeth. Fonética articulatória – guia e exercícios. Brasília, Summer Institute of Linguistic, 1988.